



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

CARINE MENDES DA SILVA

**O PAPEL DO PEDAGOGO NO GRUPO SURDEZ E SOFRIMENTO
PSÍQUICO**

Brasília
2011

CARINE MENDES DA SILVA

O PAPEL DO PEDAGOGO NO GRUPO SURDEZ E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de **licenciatura em Pedagogia**, submetido à comissão examinadora da **Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília - UnB**, sob orientação da Professora Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar.

Orientadora: Prof^a Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar

**Brasília
2011**

SILVA, Carine Mendes da

**O papel do pedagogo no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico /
Carine Mendes da Silva. – Brasília, 2011.**

68 f.:il.

**Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia,
Universidade de Brasília, 2011.**

**1. Pedagogia 2. Papel do Pedagogo 3. Grupo Surdez e
Sofrimento Psíquico. Título.**

CDU – ()

CARINE MENDES DA SILVA

O PAPEL DO PEDAGOGO NO GRUPO SURDEZ E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de **licenciatura em Pedagogia**, submetido à comissão examinadora da **Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília - UnB**, sob orientação da Professora Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar.

DATA DE APROVAÇÃO: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Daniele Henrique Nunes Silva (Examinadora)
Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Examinadora)
Universidade de Brasília

Dedico esse trabalho as pessoas que mais se dedicaram, muito importantes na minha vida, meus pais. Pelo amor, cuidado, conselhos, sermões e força para que eu realizasse esse trabalho com sucesso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me guiado e me iluminado em todas as escolhas da minha vida, pois sem o seu amor nada disso seria possível.

À minha família, especialmente meus pais, que abriram mão de suas realizações para garantir a melhor educação para mim e minha irmã; meus exemplos de vida, que investiram e acreditaram em mim tornando possível a realização dessa caminhada.

Agradeço à minha querida irmã, grande amiga, presente em todos os momentos com sua paciência e alegria.

À professora e orientadora dessa monografia, Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar que me apresentou a educação especial e o Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico demonstrando a importância de perseverar para transformar a realidade e trazendo contribuições valiosas para a realização desse trabalho.

À Professora Dra^o Daniele Henrique Nunes Silva que muito contribuiu para a construção desse trabalho com suas palestras sobre a surdez nas supervisões do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico.

A todos os participantes do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico que realizam um trabalho pioneiro e de grande valia para a comunidade surda e me inspiraram para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos professores da Faculdade de Educação e especialmente às minhas amigas Laís, Ana Carla, Karollinne e Lara.

E a todos aqueles que passaram e marcaram minha vida contribuindo direta ou indiretamente para a minha formação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel do pedagogo dentro do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, realizado no CAEP, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Inicialmente realizamos um resgate histórico do conceito de Pedagogia e as transformações desse conceito e do papel do pedagogo na sociedade. O trabalho aborda ainda o Projeto do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico e suas especificidades no atendimento aos sujeitos surdos, por meio de uma equipe multidisciplinar de psicólogos, pedagogos, intérpretes de LIBRAS e áreas afins. A pesquisa realizada com os pedagogos do grupo busca definir a função e a contribuição da Pedagogia no atendimento aos surdos em sofrimento. A metodologia está apoiada em uma epistemologia qualitativa, que por meio de entrevistas com os pedagogos do projeto surdez e sofrimento psíquico, buscou compreender o papel do pedagogo no referido grupo. A contribuição da pesquisa é apontar a importância do alargamento do papel do pedagogo em outros espaços não-escolares e a atuação do pedagogo em equipes interdisciplinares.

Palavras Chave: Pedagogia, papel do pedagogo, grupo surdez e sofrimento psíquico.

ABSTRACT

This work aims to analyze the role of the educator within the Group Deafness and mental suffering, held in CAEP, Institute of Psychology, University of Brasilia. Initially we conducted a historical review of the concept of pedagogy and the transformations of this concept and the role of teacher in society. The paper also discusses the Project Group Deafness and psychological distress and its specific subject in serving the deaf, through a multidisciplinary team of psychologists, educators, interpreters LBS and related areas. The survey of educators in the group seeks to define the role and contribution of teaching service for deaf people in distress. The methodology is supported by a qualitative epistemology, that through interviews with educators design deafness and mental suffering, sought to understand the role of the teacher in that group. The contribution of the research is pointing to the importance of extending the role of the teacher in other school spaces and non-performance of the teacher in interdisciplinary teams.

Key Words: Pedagogy, Role of educator and hearing loss and psychological distress group.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pergunta 1 recorte da entrevista.....	53
Quadro 2 – Pergunta 2 recorte da entrevista	54
Quadro 3 – Pergunta 3 recorte da entrevista	55
Quadro 4 – Pergunta 4 recorte da entrevista	56
Quadro 5 – Pergunta 5 recorte da entrevista	57
Quadro 6 – Pergunta 6 recorte da entrevista	59
Quadro 7 – Pergunta 7 recorte da entrevista	60
Quadro 8 – Pergunta 8 recorte da entrevista	61
Quadro 9 – Pergunta 9 recorte da entrevista	62
Quadro 10 – Pergunta 10 recorte da entrevista	62
Quadro 11 – Pergunta 11 recorte da entrevista	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- **CAEP**: Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos
- **CAS**: Centro de Apoio aos Surdos
- **CIEE**: Centro de Integração Empresa Escola
- **CMB**: Colégio Militar de Brasília
- **FE**: Faculdade de Educação
- **INES**: Instituto Nacional de Educação dos Surdos
- **IP**: Instituto de Psicologia
- **LIBRAS**: Língua Brasileira de Sinais
- **SUS**: Sistema Único de Saúde
- **UnB**: Universidade de Brasília

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	x
PARTE I- MEMORIAL.....	12
PARTE II- MONOGRAFIA.....	21
INTRODUÇÃO.....	22
CAPÍTULO 01: UM BREVE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO PEDAGOGIA.....	24
CAPÍTULO 02: O PAPEL DO PEDAGOGO NA SOCIEDADE.....	32
CAPÍTULO 03: GRUPO SURDEZ E SOFRIMENTO PSÍQUICO.....	39
3.1 Objetivos do Projeto do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico.....	40
3.2 Fundamentação Teórica do Projeto Surdez e Sofrimento Psíquico.....	42
3.2.1 Língua de Sinais: Funcionamento psicológico superior.....	42
3.2.2 Identidade e Cultura Surda.....	44
3.2.3 Abordagem psicoeducacional.....	45
3.2.4 Sobre intervenções psicológicas com surdos.....	46
3.2.5 Breves Considerações sobre Sofrimento Psíquico.....	47
DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	49
CAPÍTULO 04: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	51
4.1 Pesquisa Qualitativa.....	51
4.2 Campo de Pesquisa.....	52
4.3 Procedimentos e instrumentos.....	52
RESULTADOS E DISCUSÃO.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
PARTE III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
ANEXOS.....	71

PARTE I - MEMORIAL

INÍCIO DA TRAJETÓRIA EDUCATIVA

Meu nome é Carine Mendes da Silva e minha família é a estrutura da minha história de vida e ,consequentemente ,da minha história da educação, sendo composta por meu pai Pedro da Silva, minha mãe Sandra Helena Mendes da Silva, a primogênita Caroline Mendes da Silva e eu.

Iniciei minha vida escolar aos três anos de idade, no Rio de Janeiro, minha cidade natal, influenciada por minha irmã. Entramos no Colégio Resultante II, realizando atividades com a minha primeira professora chamada Edilene. Estudei nesse Colégio até a 2ª série do Ensino Fundamental, e fui uma aluna bastante dedicada, recebendo o resumax, diploma para estudantes que obtêm todas as notas acima de nove.

O ambiente escolar sempre foi um local especial na minha infância, pois eu encarava a escola como divertimento e aproveitava cada momento vivenciado com muito entusiasmo. A professora Edilene foi uma figura muito importante na minha vida escolar, participando incentivando e ensinando o conteúdo de forma lúdica e paciente. Lembrar desse período me traz nostalgia, alegria e exemplo de como um professor deve ser com seus alunos.

Em 1999, minha família e eu fomos morar em Manaus e eu mudei de escola e de metodologia de ensino. O SESI foi uma escola em que experienciei situações positivas e negativas, no que diz respeito a relacionamentos com os colegas de classe. Pela primeira vez, eu e minha irmã estudávamos em escolas diferentes e por conta disso me sentia insegura. Os colegas de classe faziam brincadeiras com o meu sotaque carioca e esse fator me afastou do grupo por meses.

Ao longo do tempo, percebi que a troca cultural provocada pela mudança de estado influenciou positivamente na minha visão sobre os outros indivíduos e aceitação da diversidade cultural. Estudei no SESI por 2 anos , fazendo a 3ª e 4ª série do ensino fundamental e aprendendo muito sobre a cultura indígena, fator relevante, levando em conta que no Rio de Janeiro ,meu antigo colégio, não abordava conteúdos sobre as diferenças culturais existentes no território brasileiro com exatidão.

Ingressei no Colégio Militar de Manaus para fazer a 5ª série, e a partir desse ano comecei a associar a escola com responsabilidade, pontualidade, hierarquia, disciplina e futuro profissional. Estudar em Instituições com regime severo, que impõe doutrinas autoritárias, colaborou positivamente pra que eu reconhecesse o valor da educação e os frutos dos meus estudos.

A carga de estudos exigida pelo Colégio Militar não correspondia às horas que eu dedicava as tarefas nos outros colégios que eu havia estudado. Minhas notas caíram e necessitei de criar hábitos de estudos para manter notas acima de oito.

Meus pais acompanharam meus estudos e incentivaram financeiramente e psicologicamente para o meu desenvolvimento escolar ocorrer com excelência, apoiando meus professores em todas as decisões tomadas em reuniões escolares com o objetivo de melhorar o meu desempenho. Apesar de eu ter sido uma boa aluna, conversava muito em classe.

No ano de 2002, meu pai foi transferido para Brasília acarretando mais uma mudança de colégio, hábitos e ciclos de amizades. O Colégio Militar de Brasília foi o palco de grandes descobertas da minha vida. Estudei 6 anos e fiz amigos que vou levar para sempre. Além das amizades eternas, pude participar de um grêmio estudantil denominado Ana Botafogo (corpo de baile), um grupo de dança formado por uma professora e uma pequena parcela de alunas que deviam se dedicar aos estudos para garantirem suas vagas nesse espaço artístico do CMB.

Através do grêmio estudantil conheci a Laís Pimenta, uma amiga que é presente na minha rotina até hoje. Passamos momentos inesquecíveis no colégio e estudamos juntas pra diversas provas. Nunca tivemos o prazer de estar na mesma turma, mas vivemos momentos como desfiles de sete de setembro, Olimpíadas internas, apresentações do corpo de baile, formaturas de conclusão do ensino fundamental e médio, bailes de formaturas, escolha profissional, preparação para o vestibular, enfim inúmeros sorrisos e decepções que fortaleceram nossos laços de amizade.

As contribuições do CMB, para a minha escolha profissional, aconteceram a cada palestra assistida nas salas de aula e auditório, em que o discurso do professor me orientava trazendo o conhecimento, a descoberta, a motivação. A avaliação escolar militar competia em classificar os alunos e destacar aqueles que tinham notas e comportamento excelentes. Lembro que houve um projeto para dividir os alunos em turmas de acordo com suas notas, fazendo separações de forma decrescente e colocando os “bons alunos” longe dos “maus alunos”.

Nesse tempo, eu entendia que somente os classificados como bons alunos, utilizando o alamar, objeto vermelho pendurado no uniforme daqueles que obtivessem todas as notas acima de 9,5 e comportamento 10, alcançariam um futuro próspero. A pedagoga do 3º ano do ensino médio salientava em seus avisos que apenas os alunos alamares, exemplares teriam vagas nas Universidades Públicas e conseqüentemente

bons empregos. Eu nunca fui alamar, por isso custei a acreditar que passaria de primeira no vestibular.

Para fazer minha escolha profissional, pensei em todas as mudanças de estado e de escola que fiz durante minha vida e o papel dos professores para integrar um aluno oriundo de outro lugar. Resgatar detalhes observados quando o meu papel era apenas de estudante, estimularam também a opção por pedagogia. Para entrar em alguns colégios que estudei, fui submetida a diversos tipos de testes de saúde mental, auditiva e visual o que me fez pensar no objetivo desses exames para permitir o ingresso do aluno e o preparo do professor para receber os alunos com suas peculiaridades.

Prestei o 1º vestibular de 2008, para o curso de pedagogia na UnB, e fui aprovada, superando minhas expectativas, pois, não acreditava que seria capaz de ingressar em uma Universidade Pública na primeira tentativa.

A pedagogia da UnB, me fez romper com diversos preconceitos construídos e olhar para a sociedade de forma mais atenta. Antes de concluir o ensino médio, minha percepção sobre a pessoa com deficiência era que elas não estavam nas mesmas salas de aula que freqüentei porque não tinham capacidade pra estar lá. Os colégios que eu estudei colaboraram para a construção desse pensamento, enfatizando quem eram os alunos normais e os anormais.

Após cursar algumas disciplinas como antropologia e educação e o educando com necessidades educacionais especiais, comecei a ressignificar o meu olhar perante o outro como também perceber a cultura como fator determinante para o enriquecimento das trocas sociais e a importância de aceitar e respeitar os costumes dos indivíduos diferentes de mim.

Além dessas disciplinas que me marcaram, cursei diversos projetos durante o curso de pedagogia: projeto 1 reconhecimento da UnB, Projeto Dois a pedagogia e suas vertentes, Projeto Três fase 1 Gestão tecnologia e Educação a distancia , Projeto Três fase dois Educação a distancia , Projeto Três fase três Orientação Vocacional Profissional , Projeto Quatro fase 1 Filosofia com crianças e Projeto Quatro fase dois Grupo Surdez e Sofrimento Psiquico. O projeto 1 foi importante para que eu soubesse como a Universidade de Brasília e a Biblioteca Central funcionam, fazendo visitas e reconhecendo as instalações da UnB.

O projeto Dois, cursado no 2º semestre, me proporcionou entender as diferentes possibilidades existentes e o currículo do curso de pedagogia. Nesse período do curso

passei por momentos de desmotivação decorrentes da falta de identificação com a pedagogia e pensei em desistir.

Iniciei o 4º semestre ingressando no CIEE (centro de integração empresa escola) para estagiar na área de pedagogia empresarial. Esse período foi muito importante para a minha permanência no curso de pedagogia, pois, aprendi como aplicar determinados conhecimentos adquiridos e reconhecer o papel do pedagogo em instituições educacionais não escolares. As funções efetuadas pelos estagiários de pedagogia variavam de coordenação de turmas a controle de materiais utilizados pelos instrutores. Além disso, as tarefas principais do estagiário competiam em estimular as turmas de bancário, varejo e telecomunicações a realizarem seu trabalho de maneira prazerosa, analisando as necessidades dos funcionários e passando para a supervisão do CIEE.

Realizar esse estágio foi de extrema importância, para que eu descobrisse a minha motivação no curso de pedagogia. Através do estágio, conheci um arquivista surdo chamado Leandro que me apresentou a Língua Brasileira de Sinais. Observando a convivência de Leandro com o grupo de trabalho, percebi que a dificuldade dos outros de se fazer entender era semelhante a dificuldade que ele apresentava para nos compreender. Marijane, uma das pedagogas e instrutoras do CIEE, era a única que falava LIBRAS e conseguia fazer o elo entre ele e todos no ambiente de trabalho.

Ainda nesse semestre, fiz a disciplina aprendizagem e desenvolvimento do portador de necessidades educacionais especiais e através dos estudos e da professora Edeilce, passei a entender melhor as crianças diferentes. Além disso, descobri que a capacidade de desenvolvimento e aprendizagem existe para todos que encontram meios para tal. A capacidade está intimamente ligada à oportunidade de acessar informações e de aprender, através de mecanismos adequados a todos os indivíduos.

No 5º semestre, a disciplina que me fez refletir foi didática fundamental. Em geral, aprendemos a história da educação brasileira e os métodos utilizados por pensadores e filósofos ao longo dos anos. Devo confessar que esperava mais prática e consistência, para a aplicação em sala de aula, pois, ao final da disciplina fiquei com a visão, a teoria e muitos questionamentos sobre como aplicar de forma ótima a didática em classe.

Entender o universo das crianças passou a ser prioridade para o meu 6º semestre. Anteriormente, não havia realizado atividades com contato direto com crianças e, por esse motivo, procurei me envolver em projetos e disciplinas que me possibilitassem essa experiência.

Matriculei-me na disciplina Educação ambiental e práticas comunitárias que previa um encontro semanal na UnB e outro na ONG VIVER, localizada na cidade Estrutural. A visita a ONG VIVER, proporcionada pela disciplina, foi muito importante para a interação com as crianças e o entendimento da realidade da cidade estrutural. A turma planejou atividades para serem realizadas ,durante o período de visitação, como plantio e montagem de um mural para ilustrar as pinturas feitas pelas crianças.

Fomos a ONG e nos dividimos em grupos para efetivar o planejado e estimular a participação das crianças. Após o primeiro contato, esperamos a iniciativa dos pequenos para escolherem a atividade que mais lhes interessavam e começar, com o nosso auxílio, a plantar as mudas ou ilustrarem com tintas aquele momento vivenciado.

O lixo pode ser considerado o tema principal para entendimento daquela realidade, e muito se tem discutido sobre as melhores formas de tratar e eliminar o lixo - - industrial, comercial, doméstico, hospitalar, nuclear etc. -- gerado pelo estilo de vida da sociedade contemporânea. Todos concordam, no entanto, que o lixo é o espelho fiel da sociedade, sempre tão mais geradora de lixo quanto mais rica e consumista. Qualquer tentativa de reduzir a quantidade de lixo ou alterar sua composição pressupõe mudanças no comportamento social.

O desenvolvimento de práticas sociais auxilia no conhecimento sobre a realidade de comunidades que necessitam de investimento e atenção dos nossos governantes, com relação à falta de estrutura, e condições básicas para se viver que estão defasadas naquela localidade. Talvez a nossa visita ainda não tenha realizado efetivamente algo que transforme aquela realidade, mas de alguma forma nos fez confrontar sobre como podemos transformá-la e principalmente, o valor do lixo em nossa sociedade, e essa foi a grande contribuição de Educação ambiental e práticas comunitárias para a minha formação.

Vivi experiências muito parecidas nessa fase, cursando Ambiental e projeto 4 Filosofia na Escola no mesmo período. Nessa experiência, o contato com as crianças da escola Recanto das Emas, me provocou receio em virtude de nunca ter lecionado. Os primeiros encontros foram importantes para conhecê-las assim como, perceber o que era interessante para trabalhar e conveniente para o tempo de aproximadamente 2 horas que eu tinha para ficar com eles, todas as sextas feiras.

Percebi também, o quanto é relevante saber qual a realidade dos alunos que irei trabalhar, para planejar algo que tenha competência e coerência com o cotidiano deles no ambiente extraclasse. O envolvimento de um aluno com as propostas do professor, e

com os estudos, depende muito da lógica aplicada quando o professor interage com ele e ele tenta responder as questões lançadas em classe.

O momento “sala de aula” ,no Recanto, me fez refletir os papéis do professor e sentir que lecionar ultrapassa o clichê: ”o professor ensina, o aluno aprende”. Existem muitos fatores que devem ser exaltados na prática escolar e não estão no currículo ou mesmo dentro dos livros. Respeitar o aluno, a bagagem que ele traz e ouvir cada um deles são uma das funções docentes que aprendi em todos os encontros do projeto 4. Obviamente, devo confessar, que após a experiência ainda não estava completamente preparada para assumir uma turma de 40 alunos, mas creio que trabalhar com crianças aquele semestre contribuiu muito para despertar meu interesse em sala de aula, que antes não havia.

A organização das turmas do Recanto das Emas possibilitou que mais de um aluno da pedagogia, assumisse o papel do professor de sala de aula e esse fator enriqueceu nossas práticas já que, permitiu a troca de idéias e informações de quem estava ensinando e aprendendo ao mesmo tempo.

Ao ingressar no curso de pedagogia, por ter muito interesse pela questão educacional no Brasil, não tinha pretensão de trabalhar como professora de séries iniciais. Os motivos principais dessa conduta eram: acreditar que não teria paciência e medo de não saber lidar com crianças que possuem aprendizagem e desenvolvimento especial (diferente). Diferente do que eu imaginava, aprendi com as crianças do Recanto das Emas que é preciso experimentar para concluir e senti que posso fazer um bom trabalho como professora ,se houver uma intencionalidade naquilo que eu propuser dentro de uma sala de aula. Intencionalidade foi a palavra que eu li em textos de Dermeval Saviane ,quando ele explica o que é filosofia e o seu objetivo no âmbito educacional.

Essa intenção deve estar sempre presente no pensamento de um professor, pois uma das principais tarefas de quem leciona é saber qual o objetivo que suas propostas perpassam e diferente de predeterminar algo , deve-se planejar para obter resultados que podem ser vistos um dia após o outro.

O interesse na questão educacional continua, porém, enxergo que além de objeto de estudo e área de conhecimento, de pensamento da Ciência da Educação, o sentido educacional deve ser baseado também na pratica educacional e social. Para falar sobre Educação ou propor soluções milagrosas para uma problemática é imprescindível se

envolver com os alunos, sala de aula, planejamento escolar, avaliação e saber falar a linguagem do aluno.

Um dos encontros mais divertidos do semestre foi a reunião de pais e mestres na escola 510 do Recanto. Planejei uma dinâmica e organizei os materiais para fazê-la. A maioria dos meus companheiros de projeto 4, também pensaram em uma proposta para aquele momento acarretando nosso melhor desempenho e possibilitando a união dos temas de todas as dinâmicas estimulando um grande debate com crianças.

A condução das aulas acrescentou positivamente, também, para entendermos que existe um tempo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Na prática, observamos que esse tempo varia um pouco de aluno para aluno, porém em alguns casos essa resposta aos estímulos e informações passadas pelo professor pode ser gritante em relação ao desenvolvimento do grupo e nesses casos cabe a nós, identificarmos, sem exaltá-lo ou excluí-lo e pensar em algum mecanismo para auxiliá-lo. É responsabilidade do professor inserir os alunos e integrar a sala de aula como um todo independente das peculiaridades dos estudantes.

Além dessa responsabilidade, observar e respeitar os tempos de aprendizagem e as peculiaridades dos alunos é obrigação do professor. Fomento essa idéia, através da vivência e dos conflitos que tivemos quando, por ventura, fizemos uma brincadeira com as crianças de 3 a 5 anos, afim de salientar o processo de soletração de palavras. Alguns alunos não acompanhavam as palmas propostas pela música e na opinião de quem ouvia e olhava a atividade acontecendo, esses alunos estavam tirando o grupo de sintonia, ou seja, eram o erro. Na realidade, concluímos posteriormente, que os alunos que faziam os movimentos diferentes se sentiam atrapalhados, em decorrência de uma falta de orientação ou explicação da atividade que deveria ser feito por nós professores.

Outro aspecto relevante das práticas foram as oficinas que iniciamos com os alunos. Apesar de não ter sido possível concluir os debates, percebi que é de grande valia discutir temas relacionados com a rotina dos alunos, e considerei interessantes as contribuições dos alunos quando falamos sobre amizade e, posteriormente, o cuidado com os nossos companheiros e ambientes em que vivemos. Antes de realizá-la, precisei desconstruir conceitos pré-concebidos sobre a capacidade das crianças de fazer uma atividade dessa espécie, e atentar para o fato de eles provocarem a discussão e apresentarem suas opiniões sobre todos os temas sugeridos. As oficinas foram capazes de inquietar as crianças, que conversavam sobre o assunto, como também, questionavam quando algo lhes causava dúvidas.

Fizemos também, uma oficina de Libras com as crianças ouvintes de 6 a 9 anos de idade. A partir desse viés, foi possível constatar que eles já haviam tido contato com a língua e apresentavam bastante facilidade para desenvolver o alfabeto em sinais. Essa atividade, me fez refletir sobre a diferença entre o pensamento da criança ouvinte em relação a Libras e o pensamento dos jovens ouvintes ao se deparar com pessoas falando através da língua de sinais. De fato, as crianças do Recanto recebem a Libras com muito mais entusiasmo do que, por exemplo, alguns amigos meus quando observam alguém dialogando por sinais.

Posteriormente, cursei a disciplina Libras para aprofundar meus conhecimentos e encontrar respostas sobre a questão da linguagem do surdo, o papel do pedagogo para estabelecer métodos e ensinar os alunos surdos e a complexidade do processo pedagógico para a proposição de novos procedimentos que façam frente aos problemas vividos em sala de aula. Decorrente dessa disciplina, e de todos os meus questionamentos com relação ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos surdos e os sofrimentos percorridos por eles por conta da sua língua, decidi realizar meu projeto Cinco na área da educação especial.

Particpei também, do 30º ENEPE realizado na faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Assisti palestras relacionadas a Educação a distância com a professora Carmenísia Jacobina, educação sexual e educação especial. A palestra de Ead provocou uma polêmica entre os alunos, no que diz respeito a diferença do ensino presencial e a distância. Muitos alunos não concordaram com os pontos expostos pela palestrante e manifestaram-se esclarecendo seus pontos vista. Esse ENEPE colaborou de maneira impar para minha formação, pois possibilitou uma discussão sobre temas atuais e importantes para aqueles que estarão envolvidos em ambientes educacionais.

Além do ENEPE, como estudos independentes, trabalhei na Semana de ciência e tecnologia do dia 19 a 24 de outubro de 2010, realizando palestras sobre a orientação vocacional profissional com a apresentação de jogos educativos criados pelos alunos de ovp. O intuito da exposição dos jogos esteve calcado no nosso interesse em esclarecer para os alunos de ensino médio, a importância de entender as funções profissionais para fazer a escolha profissional. Essa atividade colaborou para a minha experiência como palestrante e o entendimento do valor do orientador educacional.

Todos os passos que dei durante o curso de pedagogia foram acompanhados por fiéis amigas: Lais Souza Ribeiro, Ana Carla, Lara Nepomuceno, Karollinne Leite e

minha querida irmã Carol. Os meus dias alegres e tristes não seriam os mesmos se elas não estivessem presentes com seus sorrisos e conselhos.

Agradeço às minhas amigas e mais ainda aos meus pais que estiveram presentes e foram a base principal na minha trajetória escolar. Deram-me a melhor educação que poderiam e lutaram para eu alcançar todas as minhas metas com sucesso.

Enfim, toda trajetória da minha vida perpassou assuntos sobre a educação e após ingressar nesse curso entendi a necessidade de reconhecer as múltiplas facetas da pedagogia e a atuação do pedagogo em diferentes áreas, e o que esse profissional deve fazer para ser completo e exercer suas múltiplas funções de forma ótima. Procurei explorar todas as áreas da pedagogia durante o curso, com a finalidade de me encontrar e de aprofundar meus conhecimentos no que despertasse inquietação e preocupação social.

A área de educação especial me faz rever os meus preconceitos e acreditar que com trabalho e dedicação posso transformar a realidade dos alunos e das pessoas que estiverem sob minha responsabilidade.

PARTE II- MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou resgatar o conceito de pedagogia, o papel do pedagogo na sociedade e as transformações e ampliações da função pedagógica em diferentes áreas de atuação. Está relacionado, com a atuação do pedagogo no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, que funciona no CAEP, Instituto de Psicologia da UnB.

O meu interesse pela surdez originou-se na trajetória do curso de pedagogia, através de um estágio em que tive contato com um surdo fluente em LIBRAS, que despertou minha curiosidade em relação à educação e a comunidade surda. Através de disciplinas, na área de Educação Especial, refleti e aprofundei meus conhecimentos sobre a surdez, fomentando a vontade de realizar este trabalho nessa área.

Ao ingressar no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, comecei a observar o papel do pedagogo na equipe interdisciplinar composta também por psicólogos, intérpretes de LIBRAS e profissionais de áreas afins. A construção desse trabalho ocorreu com o objetivo de definir o papel do pedagogo dentro do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, salientar a ampliação da atuação pedagógica ultrapassando as práticas escolares, analisar a construção do conceito de pedagogia e as transformações do papel do pedagogo em nossa sociedade e apontar as conseqüências da ampliação do papel do pedagogo.

O trabalho discute por meio de referencial bibliográfico, que versa sobre o tema e as observações feitas no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, a questão do papel do pedagogo e sua atuação em espaços não-escolares. O foco é a análise do pedagogo fora do ambiente escolar e o pedagogo atuando em grupos de atendimento especializado, como o referido.

Este trabalho está dividido em três partes: Memorial, Monografia e Perspectivas Profissionais. O memorial sistematiza de forma cronológica a história da educação da autora, descrevendo os momentos mais importantes e os fatores que influenciaram as escolhas profissionais.

A monografia está dividida em quatro capítulos. O primeiro aborda as teorias que influenciaram a construção do atual conceito de pedagogia no Brasil demonstrando os principais aspectos que constituem essa área de conhecimento. O segundo capítulo prossegue

as colocações do primeiro salientando o papel do pedagogo diante das transformações do conceito de pedagogia.

No terceiro capítulo é apresentado o Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico que funciona no CAEP, Instituto de Psicologia da UnB. Este grupo é composto por uma equipe de psicólogos, pedagogos, intérpretes de LIBRAS e áreas afins com o intuito de auxiliar os sujeitos surdos que apresentam sofrimento decorrente de suas histórias marcadas por discriminação e não compatibilidade com a classe majoritária ouvinte.

Posteriormente, a autora entrelaça os objetivos do trabalho na delimitação do estudo, salientando a necessidade da existência de um grupo de atendimento especializado aos surdos e da contribuição do pedagogo nesse contexto.

O trabalho contém também uma metodologia de pesquisa, no quarto capítulo, e a análise das entrevistas com pedagogos buscando responder os objetivos pré-definidos. A discussão das entrevistas ocorre a partir da categorização dos dados e argumentação com o referencial bibliográfico.

Em suma, esta pesquisa analisou o papel do pedagogo no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, especialmente porque este se constitui como um espaço não-escolar, de cunho psicoeducacional, voltado para o atendimento de sujeitos surdos em sofrimento psíquico. Desta reflexão compreendeu-se como cada vez mais o pedagogo vem sendo requisitado em outros espaços e a importância dessa atuação. Dessa forma, enfocou-se as especificidades da atuação do pedagogo nesse *locus* e quais as implicações desse papel assumido.

CAPÍTULO 1^a – UM BREVE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO PEDAGOGIA

O conceito de pedagogia foi construído ao longo da história da civilização ocidental, sendo relacionado com a educação e compreendido como a maneira com a qual os indivíduos transmitem o conhecimento, a cultura, o modo de ser. A origem da educação está intimamente relacionada com a origem do homem, pois, a partir do momento em que os seres se preocupam em buscar entender os processos educacionais e interir nele, de forma intencional, ocorre a formação do saber específico, denominado pedagogia.

De forma mais sistemática, a pedagogia se origina com os sofistas, onde a prática educacional era realizada a partir de uma consciência do processo educacional. A passagem do termo grego para a língua latina desenvolveu o termo “*paedagoga*” que significa pedagogo, guia ou mestre. (SAVIANI, 2008)

Ghiraldelli (2007, p. 11) considera que:

Em grego antigo, *paidós* significa “criança” e *agodé* indica “condução”; aglutinadas e adaptadas ao português elas nos dão a palavra pedagogia. Na Grécia antiga o paidagogo era o condutor da criança. No mundo Grego Clássico era aquele que guiava a criança ao local de ensino das primeiras letras (...)

Podemos observar que, segundo Ghiraldelli, as primeiras atividades reconhecidas como práticas da pedagogia, provém da Grécia Antiga, onde um indivíduo era responsável pela condução das crianças aos ambientes do saber, acompanhando-as como um serviçal para assegurar que fossem a caminho da escola.

Desde a Grécia, a pedagogia foi desenvolvida a partir da dicotomia entre o objetivo existente na atividade educativa e o sentido prático que seria a formação da criança para a vida. A partir do século XVII, essas duas vertentes existentes na pedagogia foram unificadas.

A teoria de Herbart contribuiu para a unificação desses dois aspectos, relacionados ao sentido da pedagogia, pois, uniu a finalidade e os meios da prática

pedagógica e a partir daí, a pedagogia foi consolidada como disciplina universitária. (SAVIANI, 2008)

Por volta do século XIX, o termo pedagogia passou a ser generalizado, no sentido de, estabelecer a relação entre o fazer educativo e o pensamento consciente da ideia da educação. Paralelamente a esse processo, a problemática da formação de professores começou a ser debatida.

A primeira instituição de ensino dedicada à formação de professores foi efetivada por São João Batista de La Salle no ano de 1684, em Reims, denominada “Seminário dos Mestres”. (DUARTE, 1986 apud SAVIANI 2008)

A preocupação com a formação dos professores passou a ser assunto principal um século após a efetivação da primeira instituição de ensino, com a criação da primeira Escola Normal no ano de 1795, em Paris.

Nota-se que, desde o reconhecimento da pedagogia como curso específico, existe a preocupação com a formação dos profissionais da educação e com os objetivos da prática pedagógica.

No século XIX, a discussão da prática pedagógica levou as instituições de formação de professores organizarem e universalizarem a instrução elementar. A problemática compreendia na formação de professores em larga escala para atuarem nas escolas e a solução foi a criação de Escolas Normais de nível médio formando professores primários e as Universidades se encarregavam de formar professores secundários. (SAVIANI, 2008)

Surgiram a partir desse contexto histórico duas modalidades de formação de professores: modelo dos conteúdos culturais- cognitivos e modelo pedagógico- didático. O primeiro entendia que a formação de professores deveria englobar o conteúdo específico de história, geografia, matemática e português. E o segundo modelo evidenciava a necessidade do preparo pedagógico-didático para complementar a formação docente. (SAVIANI, 2008)

Segundo Saviani, as instituições responsáveis pela formação secundária de professores optaram, em sua maioria, pelo modelo conteudista e as Escolas Normais pelo segundo modelo. Observamos que a partir desse momento histórico surge a luta entre os modelos de formação de professores.

Reflexos da dualidade dos modelos de formação podem ser vistos, atualmente, em alguns países. A formação do pedagogo, de maneira geral, foca em apreender estratégias para o ensino, deixando em segundo plano o que o pedagogo deveria estar

ciente no que diz respeito a conteúdos específicos: matemática, português, história e geografia.

As doutrinas responsáveis pela construção do conceito de pedagogia existente no Brasil e as atividades desempenhadas pela pedagogia definindo o que deveria ocorrer, e o que não deveria nas relações ensino-aprendizagem, foram oriundas de países com culturas distintas. Émile Durkheim, francês, apontou a sociologia positivista com questões voltadas para a educação semelhante à preocupação do alemão Johann Friedrich Herbart responsável por temas de psicologia e filosofia.

Meksenas (1998) explica que Emilé Durkheim esclareceu em sua teoria que a educação pode servir de instrumento de reprodução social, ou seja, funciona como veículo para inculcar nos indivíduos os aspectos da sociedade em que eles vivem. Para este teórico a educação existe com o objetivo de reger os indivíduos para o convívio social e o reconhecimento de uma consciência coletiva, pois, não é possível que os seres desenvolvam suas potencialidades sem o convívio harmônico com o seu meio social.

Durkheim ocupou-se também em conceituar os termos “pedagogia”, “educação” e “ciências da educação”. A educação foi entendida como o veículo de passagem cultural de uma sociedade e a pedagogia como instrumento contestador da educação vigente. As ciências da educação eram as áreas de estudos como sociologia e psicologia, utilizadas para o melhor esclarecimento dos objetivos educacionais e dos meios utilizados para o ensino, ou seja, a didática. (DURKHEIM apud GHIRALDELLI, 2007)

Karl Marx, alemão, não construiu uma teoria voltada para a educação, porém a influência de seus princípios, que consideravam a transformação social como ponto principal para a mudança das relações sociais, acarretou a compreensão da escola como condutora para a formação de indivíduos conscientes de seus papéis na sociedade e em suas capacidades de serem guias de seus destinos e não guiados pelo sistema vigente. (MEKSENAS, 1998)

Seguidor de Durkheim, Johann Friedrich Herbart implantou uma ideia básica de aprendizagem ,através do conhecimento do funcionamento da mente, acreditando numa pedagogia como ciência da educação. Essa ciência da educação seria uma leitura de uma psicologia experimental, que estudava a sistemática do funcionamento da mente para entender o processo de ensino aprendizagem.

Alguns críticos condenaram o pensamento de Herbart, afirmando que essa corrente ignorava os elementos emocionais, que envolviam o processo de

aprendizagem. De fato, essa teoria priorizava questões relacionadas ao desenvolvimento do cérebro dos indivíduos, construindo um padrão e desprezando as particularidades existentes na criança e que devem ser observadas e respeitadas no processo de ensino-aprendizagem.

John Dewey, é o nome mais conhecido da corrente filosófica que ficou denominada como pragmatismo. Para essa escola de pensamento, as ideias só têm viabilidade desde que sirvam de instrumento para a solução de problemas reais.

No campo específico da pedagogia, a teoria de Dewey se inscreve na chamada educação progressiva. Um de seus principais objetivos é educar a criança como um todo através dos métodos propostos por meio de observação das próprias crianças em seu ambiente de aprendizagem: a escola. Contrastando com o pensamento de Herbart, essa corrente preocupava-se com o aspecto emocional da aprendizagem infantil. (GHIRALDELLI, 2007)

Interessante salientar em Herbart, o aspecto sócio cultural, ou seja, a criança desenvolvendo suas relações sociais dentro do seu ambiente, como fator relevante para a análise do que seria ideal na prática pedagógica voltada para a aprendizagem infantil.

A infância também aparece como fator importante para entender as transformações do conceito de pedagogia e os objetivos do pedagogo, ao longo dos anos. A pedagogia moderna está baseada no modo de pensar e de compreender a criança, e esses modos, explicam como a noção de infância foi construída e é entendida atualmente.

O filósofo Michel de Montaigne trabalhou o conceito de infância, argumentando em sua teoria, que o comportamento “papuricador” dos pais em relação às crianças pequenas revelava apenas, a necessidade de prazer deles próprios. A ideia era implantar nos pais a atitude de disciplinar as crianças para que eles se tornassem adultos responsáveis, criando o pensamento da infância como “fase natural” de todos os seres humanos. (GHIRALDELLI, 2007)

Ghirdelli (2007) explica que, posteriormente, a escola apareceu como ambiente onde as crianças ficavam com a finalidade de continuar sendo disciplinadas e instruídas sem mimos ou “papuricações”. Desde então, as transformações também alcançaram as escolas que, começaram a separar os alunos por idade, conteúdos e atividades destinadas a meninos e meninas. Nesse momento, a pedagogia moderna iniciou sua caminhada por meio da disseminação da noção de infância.

O filósofo Jean- Jaques Rousseau ressaltou em sua teoria que, a verdade só estaria presente nos momentos em que os seres humanos estivessem em ambientes privados, ou seja, na infância.

Nas situações de vida pública, um personagem apareceria e prevaleceriam as aparências. Logo, para ele, a infância era o momento para a ocorrência de estímulos pedagógicos no intuito de promover a criatividade da criança. Quando adultos, os indivíduos tendem a se deixar afetar pelos estímulos culturais e abandonam um pouco da naturalidade. A pedagogia oriunda dessa corrente filosófica pensava na criança como indivíduo e incentivava a privacidade para que dela surgissem as melhores criações infantis.

A pedagogia de Montaigne e Rousseau defendia que na escola as crianças não deveriam passar por interferências desastrosas e haveria regras a fim de, respeitar o momento infantil. Além disso, as escolas criaram regras que passaram a ser obedecidas como políticas das cidades. O reflexo desse tratamento na escola pode ser observado nos quartos das crianças de classe média transformados em ambientes para afazeres escolares.

Diferente do pensamento de Rousseau, duas outras correntes filosóficas dos pensadores René Descartes e John Locke não acreditavam na cultura como capa de alienação e na infância como natureza, “anjos caídos do céu” e fonte de benefícios. Para Descartes a infância não precisava ser associada a fase angelical e que era nesse momento que as crianças deveriam aprender os limites e serem disciplinadas.

Descartes explicou em sua teoria, que a propensão ao erro ,ocorre quando a vontade atropela o entendimento, e para evitar o erro, o ideal seria o controle e disciplina rígida. Nas crianças as vontades ainda não são limitadas, e em razão disso, o pedagogo deveria dominá-los, através da disciplina. Esse domínio foi conceituado em uma das obras de John Locke em que eram previstos castigos às crianças, para dominar suas vontades e permitir que o entendimento ocorresse. (GHIRALDELLI, 2007)

Ghiraldelli (2007) explica a infância ligada a aspectos sócio-culturais e históricos como percebidos no conto de Carlo Lorenzini: “As aventuras de Pinóquio”. No conto, um velho marceneiro chamado Gepeto, alimenta uma vontade de ter um filho, e inspirado nessa vontade, monta um boneco de madeira e faz inúmeros pedidos para que o boneco, chamado Pinóquio, ganhe vida. Atendendo suas preces, uma fada determina que, para o boneco adquirir vida, ele precisaria desempenhar atividades semelhantes as dos meninos reais, com vida. Pinóquio deveria obedecer a seu pai, não

mentir e frequentar ambientes que as crianças de verdade frequentavam: a escola. Para Giraldelli (2007), essa escola demonstrada no conto indica a noção da infância interligada a fatores histórico-sociais e o papel da pedagogo, no personagem da fada, que conduz a criança para o ensino.

Analisando as metáforas do conto de Pinóquio, observamos que a noção de pedagogia, como veículo para que as crianças estejam em sala de aula, está intimamente ligada aos fatores históricos envolvidos no tema infância e escola. Ao longo dos anos, as noções de escola e de criança transformaram-se, no que diz respeito, a sua natureza e a fatores históricos que influenciam na construção conceitual e nos objetivos da escola em relação às crianças.

Além de estar ligada à infância, a pedagogia se estruturou paralelamente com as transformações do mundo do trabalho. Até o século XVII, a pedagogia era alcançada apenas pelas pessoas que viviam com tempo ocioso, dedicado aos estudos e foram esses letrados que incitaram as discussões sobre a infância e a pedagogia. (GHIRALDELLI,2007)

No século seguinte, as questões educacionais chegaram aos indivíduos que trabalhavam e no século XX, o trabalho regravava os horários e costumes até de quem ainda não havia ingressado no mercado de trabalho. Com a Revolução Industrial do século XIX, o modo de vida burguês invadiu todos os países, com intensidades diferentes, porém, a família já se encontrava na dicotomia entre o trabalho, associado ao estudo ou a escolha entre o trabalho e o estudo.

As percepções sociais sobre o trabalho mudaram, simultaneamente, com as transformações históricas do que é o trabalho. Anteriormente, no século XVIII, os indivíduos que possuíam tempo ocioso, ou seja, não trabalhavam, eram vistos de forma positiva socialmente. No século XX, esses mesmos indivíduos são percebidos como dependentes, sugadores sociais.

Entendendo o valor do trabalho na sociedade, a pedagogia teve de lidar com a relação entre a infância e o trabalho. Ciente do valor positivo do trabalho pensou-se em como inseri-lo na infância sem fazer a criança perder a fase por conta do exercício do trabalho. Colocar o trabalho como atividade lúdica nas escolas foi a resposta dos pensadores para as crianças menos pobres.

Pensando em “atividades” para auxiliar a aprendizagem das crianças uma corrente psicopedagógica passou a defender os métodos ativos baseados, principalmente na teoria de Jean Piaget.

A teoria Piagetiana previa que o desenvolvimento infantil estaria interligado à atividade física e a infância não seria apenas uma fase cronológica e sim uma etapa pré-requisito para o amadurecimento mental e psíquico, calcado nos processos efetivados no sensorio motor de Piaget. Essa teoria e as conclusões de seus seguidores influenciaram para o surgimento da pedagogia da “atividade”.

A pedagogia foi discutida a partir das questões que envolvem o trabalho, as relações psicossociais e a atividade até aproximadamente o fim do século XX. No final do século XX a sociedade do trabalho sofreu umas das maiores crises em virtude da crise do capital. Passando por esse momento crítico o mundo do trabalho deixou de reger a sociedade como anteriormente e o trabalhador não associava mais o trabalho a realização pessoal e a felicidade.

Observou-se então que os jovens do século XXI buscavam a felicidade além do universo do trabalho. A crise do trabalho do século XX e a explosão tecnológica do século XXI implantaram uma nova organização social baseada na linguagem e na comunicação. A pedagogia então começou a entrelaçar suas influências com a linguagem.

Ghiraldelli (2007) afirma que a linguagem passa a assumir o papel de novo paradigma tornando-se influencia para as ciências humanas e para a pedagogia. A partir disso os métodos de alfabetização ganham espaço notório como sendo explorados pelos filósofos e pedagogos com a finalidade de aperfeiçoar os processos comunicacionais.

Abalos ocorridos no século XX, na Europa Central e nos EUA, atingiram a pedagogia, influenciando a forma de aplicação e entendimento da linguagem e dos objetivos das filosofias de educação. A crise do marxismo na Europa Central influenciou no declínio da pedagogia socialista e no desprestígio do pensamento da escola entrelaçada ao trabalho.

Como citado anteriormente, o trabalho esteve ligado à noção de infância e de escola de forma intrínseca para o desenvolvimento mental e moral das crianças. Esse pensamento caiu em desuso quando a União Soviética e o bloco socialista sofreram a revolução levando a filosofia da história originada com o marxismo entrar em colapso.

Nos EUA, o marxismo entrou em declínio, desde o início do século XX. A corrente de pensamento dominante era o Positivismo Lógico. Adeptos do positivismo, imaginavam a linguagem representando fidedignamente a realidade. O papel da pedagogia ,nesse contexto, seria de traçar objetivos para o alvo educacional, colocando o discurso do professor como verdade absoluta.

No Brasil, grandes pensadores como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo somaram suas crenças, a partir das influências das doutrinas explicitadas anteriormente, construindo uma pedagogia baseada na realidade social da educação proposta por Durkheim e a psicologia para elaboração de meios educacionais suscitadas por Dewey resultando uma mescla positiva de uma pedagogia de duas faces.

O desprestígio do realismo filosófico da doutrina do positivismo lógico levou a discussão pedagógica para as mãos dos sindicalistas e esses buscaram na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire uma fuga do autoritarismo proposto pelo positivismo.

A teoria de Paulo Freire representa uma pedagogia voltada para a realidade social e de grande influência entre os professores e profissionais da área de educação. Essa teoria acredita que os processos de ensino-aprendizagem ocorrem na medida em que o educador se envolve com a vida social e pessoal de seus educandos.

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes das áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p. 16)

Desta maneira, Freire nos faz perceber que, o envolvimento psíquico do educador com a realidade social dos alunos, o faz reconhecer o que existe como problema na realidade do aluno e, conseqüentemente, auxilia na formulação de propostas adequadas ao contexto social.

A teoria Freiriana nos permite entender também, as múltiplas facetas do conceito de pedagogia, e reformular a pedagogia como, a maneira com a qual o ser humano compreende a sociedade e a cultura buscando, através do conhecimento, ampliar sua capacidade de criticar e transformar sua realidade social.

Com esse breve histórico, sobre a origem e os desdobramentos históricos que influenciaram na construção do conceito de pedagogia no Brasil, abordaremos no próximo capítulo o papel do pedagogo como visto tradicionalmente e a ampliação da área de atuação do pedagogo.

CAPÍTULO 2 – O PAPEL DO PEDAGOGO NA SOCIEDADE

A partir da década de 1990, a pedagogia admitiu narrativas que não buscavam serem verdades absolutas, permitindo novas metodologias didáticas para aplicação da prática pedagógica.

A pedagogia traça objetivos educacionais e a efetivação de objetivos se dá por meio da didática. Não existe receita para a educação, porém, saber o que se quer e ter metas para a docência é tarefa principal do pedagogo.

De acordo com as Diretrizes Curriculares do curso de Pedagogia (2006, art. 2, 1º) :

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo. (DIRETRIZES CURRICULARES DO CURSO DE PEDAGOGIA, 2006)

Considerando o conceito de pedagogia, formulado tradicionalmente, o pedagogo ocupa o papel de professor e ,para exercer essa função docente, podemos perceber que requer intencionalidade e objetividade da prática pedagógica, como explicitado nas Diretrizes Curriculares do Curso. Além disso, faz-se necessário o planejamento por meio de uma didática que irá guiar o processo de ensino-aprendizagem.

Bebendo das águas de Freire, Ghiraldelli (2008) propõe uma didática, afirmando que, os alunos aprendem a partir de suas próprias narrativas, ou seja, das situações vivenciadas ao longo de suas vidas. Essas situações descritas pelo autor já estão problematizadas e a vida cultural e social do aluno lhes apresenta diversos problemas vistos em seu dia a dia denominado por Ghiraldelli como narrativa.

Nesse sentido, sabemos que a missão do professor é adequar a narrativa do aluno ao ambiente de estudo para atingir os objetivos do ensino. O pedagogo tem o objetivo de fazer o elo entre a realidade do aluno e as informações a serem passadas para motivá-lo no que se pretende.

Depois de estabelecer o elo, o aluno constrói uma nova narrativa e aprofunda a discussão com o auxílio do professor utilizando vídeos, desenhos, livros ou quaisquer artifícios que ele escolha para criá-la.

É interessante perceber que a metodologia de Paulo Ghiraldelli prevê a liberdade de expressão do aluno, possibilitando desta maneira que ele busque através da tecnologia ou mesmo pelos meios tradicionais seus métodos de interpretação da realidade.

Ghiraldelli (2008) prevê uma avaliação das narrativas construídas para debater entre os alunos, com a opinião qualificada do professor, o que foi criado pelo aluno e se ele tem capacidade de ir além das problematizações, se ele pode defender e articular o feito com algo novo. Posteriormente, o aluno expande para a sociedade a conclusão das criações e problematizações de suas narrativas.

Herbart propõe a preparação do aluno através da recordação dos assuntos discutidos na aula anterior e posteriormente a apresentação dos conteúdos morais, históricos e científicos que serão o ponto chave do ensino. No entanto, é importante refletirmos sobre o privilégio de conteúdos. Ao eleger carros-chefes o professor está demonstrando a hierarquização dos conteúdos emperrando o desenvolvimento do aluno.

Segundo a teoria de Herbart o aluno aprende por associações com conteúdos anteriores e o professor pode insistir para a classe dar palpites e relacionar o assunto com leis, na moral e no campo científico. Por fim o aluno deve ser capaz de aplicar leis.

Através da teoria de Herbart podemos perceber o papel do pedagogo como incentivador do grupo. O pedagogo assume a função de mediador a priori e posteriormente estimula as discussões auxiliando os debates dos educandos.

Por outro lado, John Dewey explicita em sua didática que o aluno não precisa ser lembrado de assuntos anteriores, pois o processo de aprendizagem tem início quando os estudantes fazem uma atividade e defrontam-se com um problema. O interesse dos alunos é o principal guia e a coleta de dados para formulação de hipóteses pode ser feita pelos professores e os alunos. Decorrente dos processos experimentais é feita a escolha da melhor hipótese e a partir daí o aluno pode aplicar suas conclusões em suas situações futuras.

Dermeval Saviani salienta que o primeiro passo para o ensino- aprendizagem é a prática social. A relação entre o professor e o aluno ocorre com a finalidade de engajar o aluno nos problemas sociais e fazê-lo, através da instrumentalização, processo pelo

qual o educador quer incentivar o aluno das classes populares a combater aquilo que lhe faz sentir-se explorado, reagir e alcançar a libertação.

A pedagogia de Saviani espera que o professor tenha feito o aluno alcançar o entendimento da prática social de maneira sintética, ao nível do professor. Importante salientar que para Saviani no início do processo os alunos possuem uma forma sincrética de enxergar a realidade e o objetivo final é fazê-lo pensar de forma sintética, como o professor.

As teorias pensadas para fundamentar a didática aplicada pelo pedagogo como professor expressa uma pedagogia tradicional voltada para a função do pedagogo no âmbito escolar, porém, a atuação do pedagogo ampliou-se com o passar do tempo e o papel exercido por ele ultrapassou as funções escolares.

A pedagogia transformou-se paralelamente aos fatos históricos e a postura social diante das tendências impostas culturalmente. Dessa forma, é preciso ter em mente a ampliação das possibilidades de atuação do pedagogo, o que pressupõe que além de saber lecionar, o pedagogo deve estar preparado para assumir atividades diversas em espaços escolares e não escolares, sempre considerando que o papel a ser desempenhado deve contemplar a diversidade cultural.

De acordo com Saviani (1985, p.27) o pedagogo “É, pois, aquele que domina as formas, os procedimentos, os métodos através dos quais se chega ao domínio do patrimônio cultural acumulado pela humanidade”. A partir desse pressuposto podemos considerar que o pedagogo é responsável pela criação de métodos para facilitar o processo de ensino aprendizagem assim como o processo de formação dos indivíduos.

Sendo assim podemos observar que o papel do pedagogo envolve também usar a plataforma didática para fornecer informações para os indivíduos a fim de auxiliá-los a transformar aquilo que os afligem.

“Verifica-se hoje, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal.” (LIBÂNEO, 2002, p.28). Nota-se o papel do pedagogo ultrapassando as funções educacionais escolares e atuando em diversos campos além da escola, como: empresas, hospitais, bancos e em equipes com objetivos multifuncionais.

Para Libâneo (1999, p. 22) a pedagogia “É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de ‘ ser humano’ ”. A partir desse viés observamos que o

papel do pedagogo consiste em auxiliar as pessoas na reflexão sobre os seus papéis na sociedade atuando em campos bem mais amplos do que os campos escolares.

Libâneo (2006, p. 57) considera que:

A complexidade da vida social contemporânea e a conseqüente diversificação das atividades educativas resultam ao mesmo tempo em ampliações das ações pedagógicas. Nos meios profissionais, políticos, sindicais, empresarias, nos meios de comunicação social, nos movimentos da sociedade civil assiste-se a uma redescoberta da Pedagogia. Estamos diante de uma sociedade pedagógica.

A ampliação da atividade pedagógica traduz a transformação do papel do pedagogo e reformulação dos objetivos da ciência da educação denominada pedagogia. Nesse contexto, compreendemos que a atuação do pedagogo pode existir em áreas que extrapolam a função educativa com o objetivo de informar utilizando os procedimentos didáticos seja em ambientes escolares ou organizacionais.

A atuação do pedagogo fora do ambiente escolar ocorre a partir do momento em que a sociedade entende a necessidade de profissionais como o pedagogo assumindo papéis de orientação e informação com o objetivo de mediar e facilitar a apreensão do conhecimento. Onde existam pessoas e relações, pode haver um pedagogo.

Em relação à atuação do pedagogo, independente da área, podemos considerar a necessidade desse profissional de encaminhar e efetuar sua prática respeitando a identidade dos indivíduos e buscando estratégias para dar oportunidades à compreensão do outro.

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. (FREIRE, 1996, p. 38)

Para Freire (1996) a prática pedagógica deve acontecer através da consciência do professor em estabelecer uma relação ética com os educandos baseada no respeito, na autonomia, dignidade e identidade, ou seja, entender as diferenças entre os indivíduos e realizar uma reflexão sobre o fazer pedagógico.

A leitura de Freire nos faz entender que fazer pedagógico necessita da perseverança do pedagogo sobre as possibilidades de mudança de uma situação

problema e conscientização da capacidade dos indivíduos de transformar suas realidades e serem atores principais dos seus destinos.

O papel do pedagogo na sociedade consiste também em adequar as informações, conteúdos e aspectos culturais através de uma intencionalidade. A prática pedagógica exige um planejamento e organização prévia de metas para serem alcançadas vislumbrando facilitar a assimilação dos educandos.

Ao pensar no pedagogo em atendimentos pedagógicos vemos a necessidade da utilização de metodologias que priorizem a relação entre o profissional e os indivíduos baseada na confiança e apoiada na dinâmica pedagógica relacionando a educação com outras áreas de conhecimento. Tal como foi explicitado nas Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia como função do egresso do curso de pedagogia: “Desenvolver trabalho em equipe estabelecendo dialogo entre a área educacional e as outras áreas de conhecimento” (Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia art 5º parágrafo XI)

Já a reflexão sobre a função do pedagogo escolar nos remete a aspectos de gestão, planejamento de aulas, orientação discente, elaboração de projetos para recuperação de alunos com dificuldades na aprendizagem e articulação da comunidade escolar com o projeto político pedagógico da escola.

Pensando nesse contexto podemos perceber que em todas as áreas que o pedagogo atua a construção e transmissão, seja de conteúdos ou de modos de ação, estão presentes na prática.

Saviani acredita que a prática pedagógica necessita de interação entre o conteúdo e a realidade, despertando nos indivíduos suas capacidades de transformação da sociedade por meio da compreensão e da ação em busca de mudanças.

O papel do pedagogo segundo a pedagogia histórico-crítica de Saviani requer finalidade e intenção para prever resultados e incentivar os educandos na compreensão de suas práticas sociais.

A reflexão filosófica auxilia que o pedagogo reveja suas práticas e considere a importância de um pensamento crítico articulado com a realidade social e coerente com uma intencionalidade. Para Saviani (1996) o papel do pedagogo guiado pela consciência filosófica permite a superação de práticas pedagógicas simplistas e fragmentadas e a construção de uma proposta pedagógica voltada para a transformação da sociedade.

Libâneo (2005) diferencia três tipos de educação: informal, não formal e formal. A primeira se refere a prática pedagógica em que as informações são transmitidas de forma difusa e dispersa, em ambientes não institucionais. A segunda é

caracterizada pela transmissão de informações e saberes com certo nível de intencionalidade e a terceira seria o modo tradicional e institucional educativo, que está em vigor nas escolas, ou seja, as informações e saberes passados com alto nível de intencionalidade.

O objeto de estudo da pedagogia se insere nesses tipos de educação e a função do pedagogo pode ser direta ou indiretamente ligada à aquisição de informações e saberes.

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo stricto sensu, isto é um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender a demandas sócio-educativas de tipo formal, e não- formal e informal decorrentes de nova realidade... não apenas na gestão ,supervisão e coordenação pedagógica de escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, no planejamento educacional, na definição de políticas educacionais, nos movimentos sociais, nas empresas, nas várias instancias de educação de adultos, nos serviços de psicopedagogia e orientação educacional, nos programas sociais, nos serviços de terceira idade, nos serviços de lazer e educação cultural, na televisão, no rádio, na produção de vídeos, filmes, brinquedos, nas editoras, na requalificação profissional etc (LIBANEO 2009, p 38)

Dessa forma, percebemos como o papel do pedagogo é fluido e complexo e ultrapassa atuações em ambientes escolares. Porém, refletindo novamente sobre o papel do pedagogo como professor podemos visualizar em Freire (1996, p.22) características importantes para a assunção dessa função pedagógica:

...na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunde com a prática. O seu "distanciamento" epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise e maior comunicabilidade exercer em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, que quanto mais me assumo como estou assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também.

A prática pedagógica docente prevê a disposição do professor em relacionar a teoria com a prática com a finalidade de melhorar através da reflexão crítica e da tomada de decisão assumindo os riscos de suas opções. Essa tomada de decisão é adquirida através do planejamento e metas traçadas para prática pedagógica. O papel do pedagogo em instituições escolares e não escolares requer perspectiva de transformação e articulação da teoria com a prática enraizada por metodologias adequadas a multiplicidade cultural.

A identidade dos indivíduos é um fator determinante para a prática pedagógica. O pedagogo deve entender o contexto social do indivíduo e do grupo para exercer sua função e transmitir o conteúdo escolar, o conhecimento ou as informações oferecendo espaço para a autonomia.

A tarefa crucial dos pesquisadores e dos educadores profissionais preocupados com o agir pedagógico está, portanto, em investigar constantemente o conteúdo do ato educativo, admitindo por princípio que ele é multifacetado, complexo, relacional. Sendo assim, educamos ao mesmo tempo para a subjetivação e a socialização, para a autonomia e para a integração social, para as necessidades sociais e necessidades individuais, para a reprodução e para a apropriação ativa de saberes, para o universal e para o particular, para a inserção nas normas sociais e culturais e para a crítica e produção de estratégias inovadoras. Isso requer portas abertas para análises e integração de conceitos, captados de várias fontes – culturais, psicológicas, econômicas, antropológicas, simbólicas, na ótica da complexidade e da contradição, sem perder de vista a dimensão humanizadora das práticas educativas. (LIBÂNEO, 2008 p.20)

A partir da perspectiva de Libâneo (2008) sobre os profissionais preocupados com o agir pedagógico podemos visualizar o pedagogo assumindo o papel de facilitador das interações sociais respeitando as necessidades peculiares dos indivíduos e contribuindo para a formação das pessoas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em pedagogia, ano 2006, prevêem como papel do pedagogo a atuação com ética em diferentes espaços com a finalidade de promover a aprendizagem vislumbrando uma sociedade igualitária e respeitando as diversidades: cultural, de gênero, étnico-racial, necessidades especiais, escolhas sexuais entre outras. (ART 5º parágrafos I, IV E X)

Diante disso, podemos definir o papel do pedagogo como formador de indivíduos incentivando a assimilação dos saberes focados na construção das identidades culturais, apropriação de conhecimento, reflexão sobre a sua capacidade de transformação social, estimulação da subjetividade, autodomínio, autonomia e fomentação do pensamento crítico.

CAPÍTULO 3¹ - GRUPO SURDEZ E SOFRIMENTO PSÍQUICO: Em busca de um cuidado a partir da pesquisa em uma abordagem psicoeducacional

O grupo de atendimento psicoeducacional a sujeitos surdos com sofrimento psíquico surgiu em agosto de 2009, quando, ainda embrionário, foi realizada a primeira reunião com todos os interessados. O referido grupo faz parte da Universidade de Brasília e encontra-se configurado dentro do Instituto de Psicologia (IP), no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos – CAEP. A ideia do grupo surgiu a partir de uma demanda feita por uma professora de estudantes surdos do Centro de Apoio aos Surdos –CAS/DF, sobre a necessidade de atendimento psicológico a diversos surdos que encontravam-se em sofrimento psíquico na escola.

Esta demanda foi analisada e estudada pela Prof^a Dr^a Daniele Nunes Henrique Silva (PED/IP/UnB) e pelo Prof^o Dr^o Ileno Izídio da Costa (PCL/IP/UnB), atualmente coordenadores do grupo, que com o apoio de estudantes do curso de Pedagogia e do curso de Psicologia, deram início a organização do projeto.

O projeto fundamenta-se inicialmente na condição social do surdo, que historicamente é marcada pelo lugar da incapacidade. Assim como, nas categorias de estigma, exclusão e deficiência. Traz ainda a história da educação de surdos, a partir do séc. XVI, e as consequências da perspectiva oralista nesse contexto, tais como, a proibição do uso da língua de sinais pelos estudantes surdos. Por outro lado, ressalta a perspectiva gestualista na educação de surdos, tendo a França como referência, no respeito ao uso a que veio se configurar posteriormente como língua de sinais.

Este documento apresenta os avanços dos estudos linguísticos na língua de sinais, tendo como seu precursor William Stockoe (Déc. 60) nos Estados Unidos. Onde, a partir daí passa a se entender a língua de sinais como primeira língua dos sujeitos surdos e a importância da mesma para o desenvolvimento destes sujeitos.

¹ Capítulo 3: informações retiradas do projeto elaborado pelo grupo surdez e sofrimento psíquico.

3.1 Objetivos do Projeto do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico

Objetivo Geral: Dar atenção profissional com uma equipe de psicólogos, pedagogos, lingüistas e áreas afins, com a finalidade de auxiliar sujeitos surdos com sofrimento psíquico a melhorar suas qualidades de vida reconhecendo sua condição bi-cultural.

Objetivos específicos: Identificar as necessidades psicológicas da comunidade surda; propiciar intervenções clínicas de cuidado e assistência em grupo; promover oportunidades de pesquisa interdisciplinar; minimizar as morbidades secundárias e os traumas de um atendimento em serviços assistenciais tradicionais; proporcionar a integração entre pesquisa, educação e tratamento para pessoas em sofrimento psíquico; promover e capacitar profissionais para desenvolver pesquisas e intervenções; desenvolver e testar novas possibilidades de acompanhamento psicológico; treinar profissionais para o trabalho em equipe multidisciplinar numa abordagem psicoeducacional, respeitando os princípios gerais do SUS (Brasil, 2002).

Funcionamento

Atualmente, o grupo é coordenado pela Prof^a. Dr^a. Daniele Nunes Henrique Silva (PED/IP/UnB), pelo Prof^o. Dr^o. Ileno Izídio da Costa (PCL/IP/UnB) e pela Prof^a Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar (TEF/FE/UnB). O grupo funciona no CAEP/IP/UnB, onde ocorrem as sessões com os sujeitos surdos durante a semana e os encontros para a supervisão com os profissionais e os coordenadores do projeto todas as sextas feiras. As sessões de atendimento em grupo são compostas por psicólogos, pedagogos, intérpretes de LIBRAS e os sujeitos surdos.

Existem, até o momento, dois tipos de atendimentos ofertados à pessoa surda: individual e grupal. Os atendimentos individuais são viabilizados para os sujeitos surdos que apresentam sofrimento psíquico grave, que necessitem de atenção focada e são acompanhados somente por um psicólogo fluente em língua brasileira de sinais - Libras.

O atendimento em grupo é coordenado por uma equipe multidisciplinar, composta por psicólogos, estudantes de pedagogia e intérpretes de Libras. As sessões dos grupos têm duração de 2 horas e são realizadas em período matutino e vespertino

quinzenalmente. No grupo da manhã seis surdos estão sendo atendidos pela equipe multidisciplinar e no grupo da tarde apenas três.

Toda sessão é elaborada e organizada segundo orientações e supervisões da coordenação tendo as abordagens psicoeducacional, sócio-antropológica e histórico-cultural como bases metodológicas, epistemológicas e teóricas. A estrutura das sessões segue o modelo cronológico: acolhimento, desenvolvimento (no qual ocorre a intervenção) e encerramento.

Os profissionais e coordenadores estudam a possibilidade do projeto atender também as famílias dos surdos cientes de que, os problemas vividos pelos sujeitos surdos envolvem a dinâmica social e familiar. Dessa forma, em breve será iniciado também o Grupo de Familiares Surdos, também em uma abordagem psicoeducacional, com a participação de pedagogos e psicólogos.

Metodologia de Pesquisa e Atendimento

De acordo com o projeto, as temáticas a serem trabalhadas nos grupos devem seguir um eixo curricular e um eixo meta-curricular. O primeiro visa questionar temas como: conceito de surdez, família e surdez, surdez e LIBRAS, juventude, afetividade, sexualidade, questões psicológicas envolvidas na surdez, condição bi-cultural, inclusão, preconceito, entre outros. Para haver flexibilidade no grupo foi proposto o segundo eixo, que abre espaço para temas que possam surgir durante as sessões a partir dos próprios sujeitos e que irão ser problematizados.

O grupo está constituído, a priori, por adolescentes entre 16 e 18 anos, escolhidos através de entrevistas qualitativas e deverão ter conhecimento da língua de sinais por pelo menos três anos.

As sessões do grupo são filmadas com a autorização livre e esclarecidas dos jovens e seus responsáveis e transcritas pela equipe.

A metodologia é desenvolvida por meio de temáticas já explicitadas anteriormente e conversas com apresentações de filmes ou outras formas de discutir os problemas relacionados à surdez, sofrimento psíquico e a condição bi-cultural.

A partir dos objetivos, funcionamento e a metodologia trataremos adiante de breve esclarecimento sobre a fundamentação teórica do projeto explicitando, a abordagem histórico-cultural, psicoeducacional, as intervenções psicológicas com surdos e algumas considerações à respeito do sofrimento psíquico.

3.2 Fundamentação Teórica do Projeto Surdez e Sofrimento Psíquico

O presente projeto encontra-se fundamentado na perspectiva histórico-cultural, desenvolvida por Vygotski e suas contribuições no campo da defectologia e as repercussões dessa teoria para a compreensão da língua de sinais como funcionamento psicológico superior. Assim, como na abordagem psicoeducacional, com o objetivo de contribuir para a informação dos sujeitos à respeito de sua condição, conseqüentemente, promover deslocamentos em direção a uma maior participação no grupo.

Como o grupo ocorre dentro do campo da Psicologia, fez-se pertinente esclarecer à respeito das intervenções psicológicas com surdos e especialmente sobre as características do sofrimento psíquico.

3.2.1- Língua de Sinais: Funcionamento psicológico superior

Segundo Vygotski (1989), o maior conflito para os surdos é o entendimento da palavra falada, o que dificulta a sua inserção na cultura. Quando entra em contato com mundo, a criança surda sente dificuldades para compreender a língua falada pelos seus familiares, que na maioria das vezes são ouvintes, ou seja, não utilizam o mesmo sistema de comunicação do surdo.

Os responsáveis e familiares constituem o primeiro núcleo onde ocorrem as trocas culturais e por meio deles as crianças recebem os aspectos culturais e compreendem o funcionamento da sociedade que os rodeiam. A audição é o sentido que auxilia a compreensão das atividades ocorridas no ambiente e o veículo de aprendizagem da língua oral. (INES, 1005).

Vygotski relaciona que o pensamento infantil ocorre a partir da fala que transmite as informações do universo e é utilizada para a interação social.

A partir desse pressuposto, podemos inferir a existência de um conflito na relação da criança surda com o mundo, pois ela não compartilha do mesmo canal lingüístico de sua família (quando ouvintes), gerando uma dificuldade para integração plena do surdo na família.

Ouvir significa compreender o universo, para quem é ouvinte. Quando o indivíduo não consegue acessar a linguagem dos seus companheiros acarreta prejuízos

para o seu desenvolvimento cognitivo. A língua oral é trabalhada no campo oral-auditivo que é inacessível as pessoas surdas.

Sendo assim, é necessário que o desenvolvimento cognitivo dos surdos ocorra por outros caminhos e baseado em uma língua que não utilize o campo oral-auditivo. A língua de sinais, segundo Sacks (1998), é desenvolvida a partir do canal da visão facilitando a compreensão dos surdos.

Considerada como língua natural dos surdos, a língua de sinais apresenta aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento. A comunicação a partir dessa língua requer atenção para movimentos labiais e expressões faciais assim como a atenção fixa para o rosto do interlocutor.

Para Buzar (2009), a comunicação entre crianças surdas até os dois anos de idade e a mãe ocorre por meio do contato visual. Através dessa perspectiva podemos perceber a importância da atenção fixa para os rostos como identidade da língua de sinais.

O desenvolvimento cognitivo das crianças surdas ocorre a partir do processo de interiorização das dinâmicas culturais, ou seja, utilizam o mesmo processo que as crianças ouvintes. Elas organizam e estruturam seu pensamento através da língua oral e as crianças surdas fazem o mesmo através da língua de sinais. (Lacerda e Silva, 2006)

Em cima desse entendimento, podemos perceber a importância do contato da criança surda com adultos que falam a língua de sinais, para que o processo de apreensão da língua se desenvolva análogo ao processo ocorrido nas crianças ouvintes com a língua oral. (BUZAR, 2009)

A forma natural do surdo de compreender o mundo caracteriza sua identidade e pertencimento a uma cultura e comunidade surda. Observou-se que esta maneira de assimilar os significados traz conflitos para a criança surda no contexto social, gerando dificuldades na integração com a sociedade e na percepção de si e do outro.

O projeto surdez e sofrimento psíquico ressaltam que a surdez provoca uma forma peculiar do indivíduo entender-se culturalmente, acarretando o sofrimento psíquico em cima do pressuposto que existe uma relação constitutiva entre a surdez e a identidade cultural.

3.2.2- Identidade e Cultura Surda

Os questionamentos sobre a surdez incitaram a grande importância da língua de sinais como aspecto cultural da identidade do surdo. Ainda que existam tecnologias (diagnósticos e programas de intervenção, próteses auditivas e implantes cocleares), não há segurança para o desenvolvimento lingüístico por meio delas.

A construção da identidade se dá pelo viés da linguagem (DIZEU E CAPORALI 2005). Pensando na construção dessa identidade nos indivíduos surdos filhos de pais ouvintes vemos que não ocorre com naturalidade. Observa-se que a importância da LIBRAS não é transmitida aos responsáveis quando diagnostica-se a criança com surdez.

A falta de familiaridade com a língua natural dos surdos, provocada pelo não contato com pessoas que exercitem a linguagem e perpassem a importância desta para os sujeitos surdos, acarreta o desenvolvimento de uma “linguagem fragmentada,” em que o surdo não constrói o sentimento de pertencimento a comunidade surda e não se enquadra na comunidade ouvinte, ciente que ele não possui o domínio da língua oral. (GESUELI, 2006).

Perlim (1998) classifica as identidades surdas em:

- 1) Identidade Surda / Identidade Política: composta por sujeitos surdos que resignificam sua cultura dentro de uma esfera cultural majoritária. Cultura baseada no campo visual reafirmando a história e capacidade de serem sujeitos de seus destinos.
- 2) Identidades Surdas Híbridas: Construídas por surdos que nasceram ouvintes e posteriormente tornaram-se surdos.
- 3) Identidades Surdas de transição: constituídas por surdos que apreenderam os significados do mundo a partir da cultura ouvinte majoritária e posteriormente foram inseridos na comunidade surda (des-ouvintização, reprodução da identidade)
- 4) Identidade Surda Incompleta: surdos que vivem sob o domínio da cultura surda e negam a identidade surda.

- 5) Identidade Surda Flutuante: sujeitos surdos que não se comprometem com a comunidade surda reconhecendo ou não a sua subjetividade, porém desprezando a cultura surda.

Segundo Lodi e Moura, o desenvolvimento de crianças surdas através do contato com adultos fluentes em LIBRAS provoca a sensação de reconhecimento pelo outro e aceitação da língua.

O reconhecimento da LIBRAS como primeira língua aparece como fator principal para inserção, integração social do surdo e acesso a linguagem. Essa perspectiva é conhecida como Bilingüismo (MOURA, LODI E HARRISON, 1997, SOUZA, 1998; DORZIAT, 1999; E SOUZA E GOÉS, 1999)

O projeto acredita que para o sujeito surdo é indispensável à aceitação da língua de sinais e comprometimento com a comunidade surda com o objetivo de constituir sua identidade como condição para sua inserção social.

3.2.3- Abordagem psicoeducacional

Desde a década de setenta, a psicoeducação tem sido aplicada principalmente em transtornos como a esquizofrenia. Neste tipo de transtorno a técnica clínica consiste em informar o paciente e sua família sobre a doença que os aflige para fazê-los colaborar com o tratamento. A abordagem psicoeducacional pretende informar aos pacientes e familiares maneiras como tratar a doença, assim como esclarecer possíveis equívocos sobre o significado da doença.

O trabalho terapêutico utilizado nos casos de esquizofrenia considera o método psicoeducacional essencial para o tratamento. (BELLACK & MUESER, 1993; GOLDSTEIN, 1993, 1995; BAHLS, BAHLS, & ZACAR, 2004). As intervenções educacionais visam informar a família sobre como reagir e não criar expectativas e estresses que podem prejudicar o tratamento e conversar sobre como lidar com a doença.

Os fatores psicológicos foram diversos nas práticas clínicas da abordagem psicoeducacional. Os métodos e técnicas eram diferentes em relação a que tipo de intervenção terapêutica e qual base teórica escolhida para a aplicação do tratamento.

Essa abordagem pretende, através da informação, ajudar os sujeitos a enfrentarem seus conflitos e utilizarem suas experiências para compreenderem seus cotidianos, valorizando os momentos de suas vidas. A psicoeducação pode ser realizada individualmente ou em grupo, mediada por profissionais que estejam habilitados para lidar com a temática.

Em síntese, o projeto surdez e sofrimento psíquico têm o objetivo de utilizar a abordagem psicoeducacional para constituir uma experiência composta por pedagogos especializados em surdez e psicólogos clínicos com a intenção de abordar o sofrimento psíquico do sujeito surdo, partindo do princípio que o sofrimento é característica de qualquer indivíduo e que o surdo também o apresenta.

3.2.4 - Sobre intervenções psicológicas com surdos

As pesquisas sobre intervenções terapêuticas com surdos são raras. Ao desenvolver pesquisas com crianças surdas foram observados comportamentos de inferioridade, inadequação e isolamento, ou seja, com sérios problemas relacionados às suas dinâmicas sociais. (PEREZ, 2003)

Perez comenta, calcada em Hammer (1991), que as crianças apresentam sentimento de inferioridade, insegurança, insatisfação consigo e são muitos dependentes de reconhecimento e atenção.

Ciente disso percebe-se a necessidade de intervenção psicológica, associada às atividades que os insiram socialmente, reduzindo seus sentimentos de inadequação e incompatibilidade com os indivíduos que os cercam.

Silva e Cheffer (2006) desenvolveram uma pesquisa com adolescentes surdos. O interesse do grupo construiu uma história que foi produzida em três etapas: a escolha do tema, a produção entre os alunos mediados pela professora surda e a pedagoga ouvinte e, a elaboração de um livro. Pode-se observar que os estudantes descreveram os problemas enfrentados decorrentes das experiências vividas com a comunidade ouvinte majoritária.

Além das questões subjetivas que são conseqüências de sua condição bi-cultural, os surdos apresentam dificuldades de acessibilidade a serviços de saúde, educação e cultura. Em virtude disso vemos a necessidade desses indivíduos serem *ouvidos* para serem compreendidos e se compreenderem socialmente.

Essa dificuldade de acessibilidade a serviços de saúde compromete a cidadania dos surdos, pois eles ficam desorientados em relação às informações que poderiam melhorar suas qualidades de vida. (SOUZA E PAGLIUCA 2002)

Além dos cuidados físicos o serviço de saúde precisa preocupar-se com os aspectos psicológicos referentes aos sujeitos surdos, que apresentam sofrimento psíquico. Sabemos que, o psicólogo, em sua maioria, não consegue atender as particularidades lingüísticas da comunidade surda e os atendimentos são baseados nos processos enunciativos, em que o paciente fala e esse é o material de trabalho.

O grupo vê como possibilidade de terapia, a psicoterapia em grupo, que envolve um grupo de participantes e prevê onze fatores terapêuticos (YALOM 2003): Instalação de esperança, Universalidade do problema, Compartilhamento de informações, Altruísmo, Socialização, Comportamento imitativo, Catarse, Recapitulação Corretiva Fatores existenciais, Coesão grupal e Aprendizagem interpessoal.

Esses fatores terapêuticos têm finalidade de demonstrar ao paciente um problema universal, que existe no outro, despertando a capacidade de melhorar, e, percebendo a melhora do outro, sendo capaz de ajudá-lo. Promover a socialização e fuga do isolamento através do grupo, socializando e observando o comportamento saudável das outras pessoas, assim como trocar informações com o terapeuta e com o grupo, a fim de recapitular momentos abordando temas referentes a problemas existenciais para receber auxílio para lidar com eles.

O grupo de atendimento a surdos com sofrimento psíquico busca apresentar um lugar em comum para os surdos como forma de minimizar as distâncias culturais entre surdo e terapeuta e também entre surdo e surdo, fortalecendo as redes sociais e rompendo com o isolamento.

3.2.5- Breves Considerações sobre Sofrimento Psíquico

A definição de sofrimento psíquico utilizada pelo grupo é decorrente da filosofia, psicologia e psicopatologia destacando que o sofrimento é inerente a qualquer ser humano. “O sofrimento e a dor são educadores do gênero humano na medida em que atribuem valor ao que é vivido” (MAFFESOLI, 2003, p.?)

Dentro do sofrimento está implicada uma diversidade de situações, sentimentos e experiências, desde motivos que abordam perdas a doenças, enquanto uma experiência inquietante e sempre presente na vida humana.

o sofrimento nos faz considerar que, quando o sujeito está no limite de suas possibilidades subjetivas de suportar uma determinada situação, a este denominamos 'sofrimento' e que é imperiosa a busca de um alívio, seja de ordem social médica, psicológica, religiosa, farmacológica, licita ou não, dentre outras, bem como este sofrimento precisa ser decifrado, assegurando-lhe a produção de um sentido, um motivo, uma causa, uma razão (DANTAS, 2009, p 30-31)

No caso do sofrimento psíquico grave, vale refletir sobre qual a capacidade do indivíduo de suportar determinadas vivências que se transformam em experiências insuportáveis. Este tipo de sofrimento psíquico intenso foi definido por Costa (2003, 2007, p.115) como:

Um constructo que nos dá liberdade para falar de crises intensas de cunho 'normal' ou psicótico, com a mesma consideração essencial, ou seja, a de que é um sofrimento humano, natural, com peculiaridades e contextos próprios, que pode ser manifesto em indivíduos ou relações. Fala, portanto, de um fenômeno existencial essencialmente humano: a angústia.

O autor afirma também que para os indivíduos que possuem sofrimento psíquico, os sintomas aparecem na forma de angústia impossibilitando que sejam generalizadas ou enquadradas em tipos específicos com definições únicas. Para definir o sofrimento psíquico grave, Costa (2003) reúne três associações: o sofrimento como algo inerente ao ser humano, o psíquico como algo da emoção e afeto e o grave traduzindo a alta intensidade do sofrimento.

Desta forma, o projeto entende o sofrimento psíquico grave como o sofrimento inerente ao ser humano, desenvolvido em suas relações sociais e caracterizado pela singularidade da manifestação em cada indivíduo e que, portanto, no caso do sujeito surdo, existe uma particularidade a ser compreendida, estudada e respeitada.

3.3 - DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A partir das considerações sobre o Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico e o histórico a respeito da pedagogia, o presente estudo tem por finalidade definir o papel do pedagogo dentro do grupo e resgatar as principais contribuições do pedagogo na atuação em ambientes não escolares.

Sabemos que tradicionalmente vemos a atuação do pedagogo como professor, aplicando os conhecimentos pedagógicos para auxiliar as práticas escolares. Contudo, ao longo dos anos, a prática pedagógica ampliou-se admitindo desta maneira a atuação de pedagogo em ambientes não escolares como o Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico.

O Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico enfatiza a necessidade de articulação e participação de profissionais de diferentes áreas, como é o caso do pedagogo, a partir de uma abordagem multidisciplinar da surdez e dos surdos, a fim de mediar o processo de assimilação dos assuntos debatidos nos atendimentos aos surdos e ajudá-los a transformar aquilo que os afligem.

O histórico sobre a educação dos surdos explicitou como esses sujeitos foram tratados socialmente, daí a necessidade de um atendimento que reconhecesse os conflitos enfrentados por essa comunidade, colocando profissionais em equipes multidisciplinares para estudar e realizar um acompanhamento diferenciado com o objetivo de fazer a inserção e colaborar para a auto compreensão dos sujeitos surdos em suas relações sociais.

Nesse sentido, a prática pedagógica pode ocorrer para mediar as relações respeitando a diversidade cultural e utilizando a plataforma didática para ilustrar situações ao grupo de surdos em atendimento.

O grupo entende que para os surdos superarem seus sofrimentos, é necessária a aceitação de sua condição bi-cultural, desenvolvendo a LIBRAS para o fortalecimento da identidade surda dentro da comunidade surda e da sociedade. A prática pedagógica pode auxiliar a compreensão dos surdos em relação a sua língua natural e sua condição bi-cultural.

No Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico existem sete pedagogos, quatro foram entrevistados nessa pesquisa e no caso dos outros três, um apresenta problemas de saúde e não pode realizar a entrevista. Dois acabaram de entrar no grupo e por isso não

puderam opinar sobre a sua atuação. O trabalho do pedagogo busca auxiliar os sujeitos surdos na compreensão da significação da palavra, a partir de estratégias pedagógicas. Assim como os outros profissionais, o pedagogo trabalha em cima do repertório de palavras para, a partir desse viés, levantar conceitos sobre a LIBRAS que os próprios surdos desconhecem.

A pesquisa sobre a atuação do pedagogo no Grupo indica a valorização do papel do pedagogo em esferas não escolares e a necessidade de ampliação desse papel. Em suma, o trabalho registra a contribuição da pedagogia e a função pedagógica desempenhada pelo pedagogo no atendimento e acompanhamento psicoeducacional aos surdos com sofrimento psíquico enfatizando , através das entrevistas dos pedagogos do grupo , o papel do pedagogo.

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA DE PESQUISA

4.1 – Pesquisa Qualitativa

A pesquisa utilizada para construção desse trabalho é caracterizada como pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa surgiu no campo da Antropologia e da Sociologia e destacou-se no campo da Psicologia e da Educação nos últimos trinta anos.

O método qualitativo pressupõe a “coleta de dados predominantemente descritivos com ênfase no contexto social do objeto de estudo, a pesquisa sendo aplicada no ambiente natural e o pesquisador ser o principal instrumento, a preocupação com o processo de realização ser superior a preocupação com o resultado e a análise dos dados através de um processo indutivo”. (Bogdan e Bikenn 1982 apud LUDKE & ANDRÉ 1986, p. 11-13)

A pesquisa qualitativa tem por objetivo principal a interpretação do fenômeno que observa, trabalhando a partir de quatro aspectos básicos: a observação, a descrição, a compreensão e o significado daquilo que foi pesquisado sem preocupar-se com hipóteses pré-concebidas. Suas hipóteses são construídas após a observação, ou seja, não há certeza sobre o método experimental, neste sentido o pesquisador, que interpreta é influenciado e influencia os resultados, neste sentido, Martins e Bicudo (1989) vêem o pesquisador como aquele que deve perceber a si mesmo e a realidade que o cerca em termos de possibilidades, nunca só de objetividades e concretudes, a partir do que a pesquisa qualitativa, dizem, dirige-se a fenômenos, não a fatos. Fatos são eventos, ocorrências, realidades objetivas, relações entre objetos, dados empíricos já disponíveis e apreensíveis pela experiência, observáveis e mensuráveis no que se distinguem de fenômeno.

4.2 – Campo de Pesquisa

De acordo com Gonzalez Rey (2005, p.81), considera-se campo de pesquisa, o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele.

Esta pesquisa realizou-se no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico/IP/CAEP, onde são realizados os atendimentos e as sessões de coordenação do grupo surdez e sofrimento psíquico. Os dados são oriundos de entrevistas com pedagogos e estudantes de pedagogia, assim como, da análise dos portfólios do Projeto 04² dos estudantes de Pedagogia participantes do projeto desde a sua fundação, buscando sintetizar o que seria a atuação pedagógica dentro do grupo.

4.3 Procedimentos e instrumentos

A realização dessa pesquisa ocorreu a partir de entrevistas com quatro pedagogos do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, com o intuito de descobrir através dos discursos e concepções dos entrevistados, dados que possibilitasse a definição da função pedagógica dentro do grupo.

Essa entrevista com os pedagogos do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico foi utilizada para interpretação de dados com o objetivo de definir, o que esses profissionais acreditam ser o papel do pedagogo na sociedade e qual a contribuição do pedagogo para o grupo de atendimento. Antes da entrevista, foram apresentados aos entrevistados, uma carta explicando o tema deste trabalho e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que eles autorizassem o desenvolvimento da entrevista e a utilização das informações passadas por eles.

Marconi e Lakatos (2008, p. 80) definem o uso de entrevista como o “Encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações à respeito de um determinado assunto” e dentro desse contexto, o entrevistador pode ter vantagens como a liberdade de averiguar informações que ultrapassam as perguntas determinadas no roteiro da entrevista, possibilitando o aprofundamento nos temas.

Dentro dessa perspectiva, os dados foram construídos e analisados através de categorias. Posteriormente a discussão dos resultados argumentará, por meio da referência bibliográfica, buscando responder aos objetivos da pesquisa

Projeto 04: Disciplina obrigatória do curso de Pedagogia da UnB que tem duas fases com o objetivo de fazer o aluno participar de um estágio que possibilite a realização de atividades e observação da atuação pedagógica na prática. O Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico foi o Projeto 04 fase 2 da autora dessa Monografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após entrevistas, com quatro pedagogos do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, foram construídos dois blocos de análise: O papel do pedagogo na sociedade e o papel do pedagogo no Grupo Surdez e Sofrimento psíquico.

A ampliação do papel do pedagogo na sociedade indica a necessidade de profissionais que estejam envolvidos no fenômeno educativo, realizando tarefas em diversas áreas de atuação e essa atuação do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, ocorre de forma interdisciplinar, com o objetivo de utilizar as estratégias pedagógicas para realizar as atividades do atendimento aos surdos.

A análise demonstrou que a atuação do pedagogo no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico é considerada fundamental, em virtude da abordagem utilizada: a abordagem psicoeducacional. Além disso, podemos observar que a maioria dos pedagogos avalia que a atuação pedagógica no grupo exige conhecimentos sobre: a Libras, a cultura surda e as abordagens Histórico-Cultural e Psicoeducacional.

Seguem abaixo, recortes das partes principais das entrevistas com os pedagogos, referentes aos blocos seguidos das análises. O entrevistado 2 respondeu apenas o bloco inicial de perguntas pois, ele não está atuando diretamente na esfera pedagógica, apesar de ser pedagogo.

UNIDADE TEMÁTICA 01: PAPEL DO PEDAGOGO NA SOCIEDADE

Pergunta 1- Em sua perspectiva, qual é o papel do pedagogo na sociedade atual?

ENTREVISTADO 1	“o papel do pedagogo assumiu múltiplas facetas”
ENTREVISTADO 2	“os papéis do pedagogo na sociedade atual... é um facilitador, um intermediador de conhecimento”
ENTREVISTADO 3	“uma pergunta difícil, eu acho que é muito complicado você tentar definir o pedagogo de uma única maneira porque a sociedade é muito complexa”
ENTREVISTADO 4	“É aquele responsável em conduzir atividades de cunho educativo em ambientes onde sua presença seja solicitada.”

Análise:

O papel do pedagogo seja em espaços escolares ou não escolares está interligado ao âmbito educativo. Quando esse profissional está em espaços não institucionais sua função ainda ocorre para facilitar os processos de ensino e aprendizagem utilizando, os conhecimentos pedagógicos para mediar relações, planejar, avaliar, entre outras tarefas baseadas nas teorias apreendidas na sua formação acadêmica.

Podemos perceber que as respostas dos entrevistados revelam a atuação do pedagogo em diferentes instâncias da sociedade, pois, metade deles acredita que não existe apenas um papel para o pedagogo e que esse profissional assume diferentes funções seja em espaços escolares ou não escolares, porém, mantendo seus princípios educativos.

Pergunta 2 - Tem-se observado ultimamente um alargamento do papel do pedagogo para espaços não-escolares. Quais as vantagens e desvantagens dessa ressignificação da Pedagogia?

ENTREVISTADO 1	“As vantagens são o reconhecimento do âmbito educativo nas organizações, dando maior relevância ao papel do pedagogo”
ENTREVISTADO 2	“ Esse alargamento do papel do pedagogo é vantajoso, desde que, haja qualificação devida”
ENTREVISTADO 3	“Eu acho que só tem vantagem, na medida em que cada vez mais se percebe que o pedagogo não é meramente um profissional preso a escola”
ENTREVISTADO 4	“A vantagem maior é a abertura do mercado de trabalho e também em se entender o pedagogo como um ser em potencialidade para estar trabalhando em diversas vertentes da área educativa”

Análise

Nessa pergunta podemos observar que todos os entrevistados analisam o alargamento do papel do pedagogo como fator positivo para o profissional, desde que,

ele esteja atuando em âmbitos educativos e que seja qualificado para tal. De forma geral, os entrevistados demonstram em suas respostas que o pedagogo pode estar atuando fora da escola sem perder sua identidade de pedagogo, ou seja, utilizando as estratégias pedagógicas como o planejamento, a discussão e a avaliação para intermediar relações que não necessariamente ocorrem somente no ambiente escolar.

Alguns entrevistados revelaram aspectos negativos da ampliação da atuação do pedagogo associado à formação acadêmica. Um desses aspectos foi a generalização teórica e a formação acadêmica insatisfatória, quando se refere a formação do pedagogo para áreas que extrapolam o ambiente escolar. O entrevistado enfatiza que na formação inicial o pedagogo não recebe as informações necessárias para atuação em “infinidades de ambientes que ele possa vir a atuar.” A fala do entrevistado nos permite entender que, em determinados casos, o pedagogo aparece como um profissional necessário, porém requer melhor formação para aplicar as práticas pedagógicas.

De fato, para realização do trabalho no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico, o pedagogo precisa ter determinados conhecimentos que não são abordados em sua formação inicial e necessitaria de um aprofundamento nas abordagens do grupo para preparar esse pedagogo. A vantagem da ampliação da atuação pedagógica, no caso do grupo, está na utilização dos conhecimentos pedagógicos para elaborar as estratégias, planejar os atendimentos e avaliar as sessões demonstrando que o pedagogo pode agir em diversas áreas, desde que esteja ligado aos processos de aprender e ensinar.

UNIDADE II: O PAPEL DO PEDAGOGO NO GRUPO SURDEZ E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Pergunta 3. Considerando a ampliação da atuação do pedagogo ao longo do tempo, o que deve saber um pedagogo para atuar no grupo surdez e sofrimento psíquico?

ENTREVISTADO 1	“Abordagens teóricas usadas pelo grupo (perspectiva psicoeducacional e Histórico Cultural... singularidades da surdez”
ENTREVISTADO 2	“Um requisito básico é conhecimento da cultura surda e identidade surda, e se possível língua de sinais e conhecimento básico de psicologia”
ENTREVISTADO 3	“Ele precisa primeiro estar fundamentado teoricamente nas questões que estão problematizadas sobre a surdez, ele precisa ter conhecimento de LIBRAS e conhecimento satisfatório da teoria da psicologia do desenvolvimento e em especial a perspectiva histórico-cultural”

ENTREVISTADO 4	“Deve conhecer a corrente teórica que norteia os pressupostos do grupo e buscando sempre aprofundar seus conhecimentos acerca da surdez”
-----------------------	--

Análise:

O ponto chave revelado nessa pergunta foi unânime para todos os entrevistados. Os pressupostos básicos para a atuação do pedagogo no Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico são: conhecimentos da teoria histórico-cultural de Vigotski, a abordagem psicoeducacional, e conhecimentos sobre os Estudos Surdos e noções de LIBRAS. O que é bem coerente com o Projeto do grupo.

Chamou atenção, no entanto, que nenhum dos entrevistados tenha se referido diretamente ao Sofrimento Psíquico, enquanto base teórica, apesar de ser um ponto forte do projeto, fazendo parte, inclusive do título do mesmo. Por outro lado, acredita-se que talvez o fato de todos serem pedagogos tenha ofuscado importante faceta do projeto. Vale ressaltar, porém, que aspectos psicológicos dos sujeitos são considerados importantes em algumas falas, mesmo não estando tão explícito.

Analisando as respostas vemos que o grupo espera que o pedagogo esteja aprofundado nas questões que envolvem a temática da surdez, incluindo a identidade surda, a língua e o papel da LIBRAS para essa comunidade com o objetivo de atender os sujeitos considerando a realidade social deles.

Freire (1996, p.24) enfatiza em sua teoria a importância desse foco na vivência dos educandos e que para o profissional exercer o seu papel deve estar claro quais são os valores existentes no ambiente de trabalho.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos.

Pergunta 4. Efetivamente, qual é o papel do pedagogo do Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico?

ENTREVISTADO 1	“Trabalhar os aspectos formativos no contexto da surdez”
ENTREVISTADO 2	“Atuar como facilitador para as atividades propostas, faz colocações e

	indagações”
ENTREVISTADO 3	“Trazer à tona questões conceituais que os próprios surdos desconhecem sobre a sua condição de surdo”
ENTREVISTADO 4	“Trabalhar em conjunto com a equipe (psicólogo e intérprete) para preparar os atendimentos, onde um dá suporte ao outro e dialoga com a especificidades da formação de cada um”

Análise:

O papel do pedagogo a partir das revelações dos entrevistados engloba diferentes aspectos, porém é interessante salientar que para todos os entrevistados esse papel está intimamente relacionado com a formação do pedagogo. Quando falamos sobre a formação estamos indicando fatores como o planejamento pedagógico, a avaliação pedagógica e principalmente, as estratégias elaboradas pelos pedagogos.

O entrevistado dois expressa através da sua fala que o pedagogo media as relações no grupo de atendimento, fazendo indagações e interferindo através da plataforma pedagógica.

O entrevistado três enfatiza em suas considerações que o papel do pedagogo não tem a finalidade de formar os sujeitos surdos e sim de ajudá-los através da palavra e da significação e sentido da palavra a problematizar, buscando em seus discursos questionar conceitos que eles próprios desconhecem sobre a sua condição bi-cultural. A bi-culturalidade explicitada pela entrevistada tem relação com a condição de duplicidade cultural do surdo que consiste em estar em uma sociedade que fala uma língua que não é sua língua materna e por esse motivo ele precisa saber a sua língua, a LIBRAS, e fortalecer seus laços culturais para entender a língua majoritária e ter uma boa relação diante dessa diversidade.

O entrevistado quatro aponta o papel do pedagogo na relação com uma equipe interdisciplinar enfatizando a vantagem que existe nesse tipo de atendimento em equipe. O atendimento em equipe pressupõe o diálogo entre diferentes áreas de conhecimento com o objetivo de contribuir a partir da especificidade de cada área. O pedagogo, nesse contexto, imprime no grupo as estratégias pedagógicas, facilitando a apreensão dos temas pelos sujeitos surdos.

Pergunta 5. Como é realizado o planejamento das atividades?

ENTREVISTADO 1	“o pedagogo faz planejamento de conteúdos relacionados à surdez”
ENTREVISTADO 2	“o planejamento é realizado dentro do grande grupo, com total supervisão dos coordenadores”
ENTREVISTADO 3	“Elaborar estratégias de problematização dos significados das palavras que os surdos elegem como palavras chaves para se entender a sua condição bi-cultural, a sua relação com a sociedade ouvinte, a sua relação com a comunidade surda”
ENTREVISTADO 4	“Em supervisão se decide o tema e a equipe planeja a intervenção”

Análise:

De acordo com o entrevistado 3 as atividades realizadas nos atendimentos do grupo são supervisionadas pelos coordenadores: Prof^a Dr^a. Daniele Nunes Henrique Silva e a Mestre Edeilce Aparecida Santos Buzar, todas as sextas feiras. Nessa supervisão ocorre o planejamento das próximas atividades a partir da discussão sobre o último atendimento.

As entrevistas revelaram que no planejamento são discutidas as palavras chaves mencionadas pelos surdos e organizadas as etapas do atendimento seguinte. A intervenção presente na fala do entrevistado 4 faz referencia a metodologia do grupo surdez e sofrimento psíquico que consiste em fazer intervenções no atendimento aos surdos com o intuito de fomentar temas para auxiliá-los em seus conflitos.

O entrevistado 3 argumentou que essas intervenções feitas pelo grupo, não são restritas a um determinado profissional e que o grupo entende que o pedagogo deve fazê-las. Nesse momento da entrevista, foi possível perceber que quando um dos entrevistados menciona a necessidade do pedagogo ter conhecimento básico, ou um curso de noções de psicologia pode ter relação com essa necessidade do pedagogo fazer essas intervenções.

Freire (1996, p.61), ao falar sobre a educação como forma de intervenção do mundo considera:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

Nesse sentido refletimos que a prática pedagógica, em ambientes escolares ou não, deve ser consciente em relação às intervenções aos sujeitos aprendizes, estando eles na condição de estudantes ou não, como nesse caso, os sujeitos surdos. Essa passagem nos ajuda a entender que o papel do pedagogo também consiste em intervir, calcados nos princípios educativos para ajudar os sujeitos.

Pergunta 6. De acordo com projeto surdez e sofrimento psíquico existem 2 eixos: curricular e meta curricular, a serem trabalhados. Fale sobre isso.

ENTREVISTADO 1	“O eixo curricular consiste em temas pré-definidos... o meta curricular temas que surjam durante o atendimento”
ENTREVISTADO 2	Não respondeu
ENTREVISTADO 3	“O eixo curricular são os conceitos principais a cerca do problema... Meta curricular são os conceitos, as palavras que aparecem desdobradas dos conceitos curricularmente previstos”
ENTREVISTADO 4	“Eixo curricular são temas já pré-estabelecidos no projeto de intervenção, o meta curricular são temas que surgem a partir das demandas dos atendimentos”

Análise:

Essa parte da entrevista relatou o que os entrevistados definem como eixo curricular e meta curricular do grupo surdez e sofrimento. De acordo com o projeto do grupo esses eixos se referem a forma como os temas serão trabalhados dentro do grupo. Todas as entrevistas revelaram que o eixo curricular trabalha temas pré- estabelecidos e o meta curricular temas que aparecem durante o atendimento com os surdos e normalmente, são colocados pelos próprios surdos.

Um dos entrevistados detalhou sobre o eixo curricular comentando que temas como: escola, família, relações afetivas são discutidos durante o atendimento para problematizar e abordar a condição bi-cultural dos surdos. O pedagogo, nesse momento, elabora estratégias para lançar os temas na discussão assumindo a função descrita pelos entrevistados como facilitador, mediador das relações.

No caso do eixo meta curricular os entrevistados descreveram como os conceitos que surjam durante o atendimento. Esse eixo aborda as questões levantadas

pelos surdos e que não foram pautadas como conceitos a serem trabalhados. O grupo possui um planejamento de trabalho de dois anos, ou seja, conceitos fixados pelo grupo, nesse período esses conceitos pré-estabelecidos devem ser trabalhados, o que seria o eixo curricular, tudo que foge desses conceitos o grupo define como eixo meta-curricular.

O interessante é observar que o Grupo não fica preso ao eixo curricular, mas oportuniza que interesses, sentimentos, dúvidas levantadas pelos próprios sujeitos surdos possam tornar-se temas de discussão. Pelo o que vimos nas reuniões de supervisão, este eixo tem sido mais enfatizado do que o curricular ultimamente, a fim de favorecer e respeitar o aparecimento do sujeito.

Pergunta 7. Como se dá o funcionamento da prática pedagógica a partir de uma equipe multidisciplinar?

ENTREVISTADO 1	“Toda a equipe do grupo de pesquisa trabalha em diálogo, fazendo planejamento dos atendimentos”
ENTREVISTADO 2	“Qualquer profissional precisa aprender a trabalhar em grupo”
ENTREVISTADO 3	“Cada sujeito desse olha a questão pelo prisma que caracteriza sua formação”
ENTREVISTADO 4	“Pedagogo, intérprete e psicólogo são, no atendimento, um único corpo que trabalha de forma a viabilizar a melhor condução dos atendimentos.”

Análise:

Durante essa parte da entrevista, foi possível entender o papel do pedagogo dentro do grupo como também das outras áreas de conhecimento envolvidas na dinâmica do atendimento aos sujeitos surdos.

A partir das explicações do entrevistado três, percebemos que o objetivo do grupo de atendimento não é definir uma função para cada profissional, porém o atendimento requer contribuições específicas de cada uma das áreas de conhecimento. O pedagogo, o psicólogo e o intérprete fazem um diálogo, contribuindo e correlacionando

suas funções. O objetivo da equipe multidisciplinar é imprimir o olhar de cada área específica para contribuir no desenvolvimento terapêutico.

Um dos entrevistados relatou que a dificuldade do grupo em relação ao pedagogo é no momento da intervenção que, muitas vezes, o pedagogo não se sente seguro para esse tipo de atuação. Observou-se na atuação do pedagogo que ele entende essa intervenção como função específica do psicólogo, porém, o pedagogo pode contribuir nessa esfera a fim de complementar o olhar do psicólogo e entendendo que esta intervenção pedagógica enriquece o trabalho do grupo.

O entrevistado dois, fez uma colocação interessante em relação ao papel do pedagogo no grupo, enfatizando que a prática pedagógica está permeando, costurando as práticas psicológicas, não está além e nem aquém da psicologia, mas é necessário que essa prática seja dosada para que o grupo não fique com “cara de sala de aula”. Ou seja, apesar da presença do pedagogo no grupo psicoeducacional ser imprescindível, é interessante que não se confunda sua atuação com a de professor e nem o contexto com a sala de aula.

Antes de mais nada, trata-se de um espaço de “escuta” às demandas dos sujeitos surdos e de discussão de temáticas relevantes que venha a contribuir com a informação, mas, principalmente com a formação desse sujeito a partir de uma condição bi-cultural.

Pergunta 8. Você considera importante a atuação do pedagogo nessa equipe?

ENTREVISTADO 1	“O pedagogo tem papel importante por saber atuar com o conhecimento sistematizado”
ENTREVISTADO 2	Não respondeu
ENTREVISTADO 3	“Fundamental, não teria como se pensar um projeto desse sem o pedagogo”
ENTREVISTADO 4	“Sim, é uma importante troca de aprendizagens”

Análise:

Observou-se, a partir dessa pergunta, que todos os entrevistados que responderam, acreditam que a atuação do pedagogo no grupo surdez e sofrimento psíquico é essencial. Destacando a fala do entrevistado três, podemos entender que o pedagogo aparece como uma figura que norteia os objetivos do grupo.

Através das estratégias pedagógicas os temas são formulados e por meio da plataforma didática esses temas são colocados para os sujeitos no atendimento. Vemos que dessa forma, o pedagogo está presente imprimindo o seu olhar e assumindo outras funções diferentes das assumidas em ambiente escolares, porém, ligado aos processos de aprender e ensinar.

A abordagem do grupo é psicoeducacional e por conta disso, um dos entrevistados salientou a necessidade de ter pedagogos dentro do projeto, e sem a presença do pedagogo o grupo não existiria ou não teria o foco psicoeducacional, enfatizou.

Pergunta 9. Que tipo de informações são consideradas importantes para a transformação do sofrimento psíquico dos surdos?

ENTREVISTADO 1	“o desenvolvimento da identidade e cultura surda; bi-culturalismo, relações afetivas e sociais, LIBRAS”
ENTREVISTADO 2	Não respondeu
ENTREVISTADO 3	“Tudo aquilo que tem haver com o que o sujeito entende como lugar de dor, de dor subjetiva, não dor objetiva”
ENTREVISTADO 4	“A sua fala e o conseguir expressar o que te incomoda e o leva a sofrer. Dessa forma é necessária uma leitura atenta e instigadora na fala de tais sujeitos.”

Análise:

As informações das entrevistas apontam que para os profissionais que lidam com a problemática dos surdos em sofrimento é preciso que tenham conhecimento sobre a surdez, a comunidade surda, o papel da linguagem na construção das relações sociais e saber o que é o sofrimento para os sujeitos surdos.

Quando falamos sobre o sofrimento desses sujeitos, estamos relacionando toda a dinâmica social que eles vivem e por isso os aspectos ligados a essas dinâmicas devem ser do interesse dos profissionais que trabalham para transformar o conflito que eles possuem.

A garantia de um espaço para falar dessa dor e ressignificá-la por meio de reflexões, informações que sejam importantes para o sujeito, aparecem como possibilitador dessa “virada” na subjetividade dos surdos.

Pergunta 10. Como tem sido pensada, em termos de estratégias pedagógicas a identidade surda no grupo?

ENTREVISTADO 1	“Nos atendimentos são abordados aspectos do desenvolvimento dos surdos historicamente”
ENTREVISTADO 2	Não respondeu
ENTREVISTADO 3	“A idéia é que a partir de estratégias pedagógicas específicas, surdos que ainda tem muita dificuldade de se inserir na comunidade surda... se apropriem da sua condição no mundo”
ENTREVISTADO 4	“Identidade é um dos temas problematizados em sessão”

Análise:

Por meio dessa pergunta podemos entender que os pedagogos percebem que a cultura surda precisa ser estudada na prática para ser entendida. A prática seria frequentar ambientes que os surdos estão, investigar seus costumes, ter conhecimento básico da sua língua materna surda, a LIBRAS, para elaborar as estratégias pedagógicas eficientes para o entendimento do surdo.

O entrevistado quatro, cita a identidade como um dos temas problematizados para elaboração das estratégias pedagógicas fomentando a atuação do pedagogo diante da diversidade cultural. O grupo surdez e sofrimento pretende ajudar os sujeitos surdos a entenderem a sua condição bi-cultural a partir da significação de palavras e conceitos e o papel do pedagogo e dos profissionais a partir dessa perspectiva, envolve questões sobre a identidade surda, vislumbrando ajudar os sujeitos a se inserirem em sua

comunidade e fazerem de sua condição não um lugar de problema, de doença mas um lugar positivo, como citado pelo entrevistado 4.

Pergunta 11. Quais são as contribuições que o Grupo Surdez e Sofrimento Psíquico está promovendo aos sujeitos surdos?

ENTREVISTADO 1	“Por relatos dos próprios surdos e familiares, os surdos tem desenvolvido sua identidade surda e ganhado auto-estima”
ENTREVISTADO 2	Não respondeu
ENTREVISTADO 3	“Posso te dizer ,por exemplo, que tem dois surdos que já estão conosco nesse último ano e a única coisa que eles falam é que eles não querem sair”
ENTREVISTADO 4	“Um espaço de escuta e ajuda para os seus sofrimentos.”

Análise:

A última pergunta da entrevista, buscou compreender quais as contribuições desse grupo para os surdos, porém, o grupo possui pouco tempo de funcionamento e de acordo com o entrevistado três os grupos de atendimento ainda estão em consolidação e ciente de que é a primeira vez que ocorre esse tipo de atendimento, diferente dos tradicionais, voltados para o entendimento clínico da surdez, os surdos tem dificuldade de compreender a mudança e por isso flutuam muito no grupo.

Apesar da opinião do entrevistado três, outros entrevistados declararam que, já obtiveram informações de familiares sobre a melhora que o atendimento propicia para alguns surdos. Esse aspecto é de extrema importância para a continuidade do grupo e entendimento dos coordenadores que, de fato, a abordagem do grupo colabora para a superação das dificuldades dos surdos em sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao conceito de pedagogia e as transformações ocorridas no papel do pedagogo, os dados confirmaram que a ampliação do papel do pedagogo para ambientes que possuam a relação de ensino e aprendizagem de caráter não escolar, apresenta muitas vantagens e não coloca em risco a identidade do pedagogo.

Vale salientar que a identidade do pedagogo foi muito discutida por pedagogos e psicólogos no início do projeto do grupo surdez e sofrimento psíquico, como também, a validade da participação pedagógico em um grupo com intervenções psicológicas.

Essa identidade consiste nas funções atribuídas ao pedagogo de acordo com a sua formação profissional. No caso do grupo surdez e sofrimento psíquico, o pedagogo mantém essa identidade aplicando nos atendimentos as estratégias pedagógicas construídas através do planejamento e constantemente avaliadas nas supervisões.

As vantagens da ampliação do papel apontadas pela pesquisa referem-se a fatores como: alargamento da área pedagógica do mercado de trabalho e participação do pedagogo em equipes interdisciplinares. O pedagogo não sendo meramente um profissional preso a escola, mas um sujeito que pensa estratégias de ensino e aprendizagem e o reconhecimento do âmbito educativo nas organizações.

A análise do papel do pedagogo permitiu a percepção das características do pedagogo dentro do grupo surdez e sofrimento psíquico, considerando as atividades feitas por ele no atendimento. De forma sintética a pesquisa indicou três funções pedagógicas específicas da área pedagógica no grupo: planejar estratégias, discuti-las e avaliá-las, porém, como o trabalho é feito através de uma equipe interdisciplinar (pedagogos, psicólogos e intérpretes), essas funções são desempenhadas por todos os profissionais e da mesma maneira, o pedagogo assume funções que não são típicas da sua área.

Como relatado nas entrevistas, é interessante considerar que o pedagogo que trabalha no projeto surdez e sofrimento psíquico se mantém ligado às questões da comunidade surda para conhecer os aspectos da identidade surda e auxiliar os surdos na ressignificação dos conceitos, inserção na comunidade surda e aceitação da sua condição bi-cultural no mundo.

Além dessas considerações, os dados da pesquisa demonstraram que o grupo não tem intenção de definir rigorosamente o papel do pedagogo, assim como dos outros profissionais, de maneira específica e sim retirar, a partir do olhar de cada profissional, a melhor contribuição para o grupo.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

As minhas perspectivas profissionais são entrar para o mestrado na área da educação especial, passar em um concurso público onde eu possa aplicar as práticas pedagógicas aprendidas durante a minha formação e continuar no grupo surdez e sofrimento psíquico, exercendo as práticas pedagógicas com o objetivo de ajudar os surdos e compreender melhor os aspectos que envolvem a comunidade surda e também aprofundar meus conhecimentos sobre a LIBRAS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUZAR, Edeilce Aparecida Santos. **Libras: Características e Desafios**. [Material em PowerPoint], 2009.
- BAHLS, S. C. & F. R. C. (2003). **Psicoterapias da depressão na infância e na adolescência**. *Estudos de Psicologia*, 20:25-34. Bellack, A. S. & Mueser, K. T. Psychosocial Treatment for Schizophrenia. (pg. 143-162). In: Special Report: Schizophrenia. Rockville: National Institute of Mental Health, Bahls, S. C.; Bahls, F. R. C. & Zaccar, F. M. H. (2004). **A psicoeducação no tratamento da esquizofrenia**. Publicado no site da APERJ-Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.aperjrio.org.br/publicacoes/revista/2004/psico.asp>.
- COSTA, I. I. **Da Fala ao Sofrimento Psíquico Grave**. Brasília: ABRAFIPP/Positiva, 2003.
- COSTA, I. I. **Família e psicose: uma proposta de intervenção precoce nas primeiras crises de sofrimento psíquico grave**. (pg. 99-136). In: Féres-Carneiro, T. Família e Casal: Saúde, Trabalho e Modos de Vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- DANTAS, M. A. **Sofrimento psíquico. Modalidades contemporâneas de representação e expressão**. Curitiba: Juruá. e Leon, 2009.
- DIZEU, L. C. T. de B. e CAPORALI, S. A. **A Língua Sinais Constituinte do Surdo como Sujeito**, Educ. Soc, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GESUELI, Z. M. **Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão**. Educação Social, 2006.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GHIRALDELLI, Paulo. **O que é pedagogia?:** Ed Brasiliense Coleção Primeiros Passos, São Paulo, 2007.
- INÊS. **Série Audiologia**. Edição Revisada. Rio de Janeiro, 2005.
- LIBANEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora**. Ano de Edição; 1998.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Ed Cortez, 1999.

- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos Para quê?** Ed: Cortez, São Paulo (8. ed.) 200p , 2009.
- LODI, A. C. B. e Moura, M. C. **Primeira Língua e Constituição do Sujeito: Uma Transformação Social. Línguas de Sinais: Identidades e Processos Sociais Grupo de Estudos Surdos e Educação ETD – Educação Temática Digita**, 7(2):1-13, 2006.
- LUDKE Menga; ANDRÉ Marli E.D.A **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LURIA, A.R. **A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais**. In:A.R. Lúria. Curso de psicologia geral: Introdução evolucionista à psicologia. (2 ed.),Vol. I, (pp 71-84). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MAFFESOLI, M. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pósmodernas**. São Paulo: Zouk, 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.
- MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação Introdução ao Estudo da Escola no Processo de Transformação Social**. Ed: Loyola 12ª Ed, 1998.
- ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**. In: ORLANDI, E. P & RODRIGUES, S. L. **Introdução as ciências da linguagem** 2006.
- PERES, R.S. **O desenho como recurso auxiliar na investigação psicológica de crianças portadoras de surdez**. *Psicologia*, 4(1)22-29, jun 2003.
- PERLIN, G. **Identidades surdas**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- PERLIN, Gladis. **Identidades Surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- RODRIGUES, Verone Lane. **Pedagogia da Humanidade: por uma Epistemologia Feminina Freiriana**. Rev. Lusófona de Educação, no.9, p.51-59. ISSN 1645-7250, 2007.
- SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações** 6 Ed – Campinas, SP: Autores Associados. 1997

- SAVIANI, Dermeval. **Sentido da pedagogia e papel do pedagogo** . Ande: Revista da Associação Nacional de educação. Ano 5 nº 9: 1985.
- SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil, História e Teoria**. São Paulo: Ed. Autores Associados, julho 2008.
- SILVA, I. R. & Cheffer, R. **A construção de histórias por alunos surdos: Aprendizagem coletiva**. ETD-Educação Temática Digital, 7(2):76-87, jun 2006.
- SOUZA, R. M. & Góes, M. C. R. **O ensino de surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão**. (pg. 163-188). In: Skliar, C. (Org.): Atualidades da educação bilíngüe para surdos. Vol.1. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SOUZA, R. M. S. **Língua de sinais e língua majoritária como trabalho discursivo**. Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 1998.
- SKLIAR, C. **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. (pg.105-153) .In: Skliar, C. (Org.) Educação e exclusão: abordagens sócioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- VIGOSTSKI L. S. **Fundamentos de defectologia**. La Habana: Pueblo y Educación. 1989.
- YALOM, I, D. **Psicoterapia de Grupo teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Brasília, 1 de julho de 2011

Você está sendo convidado para participar da pesquisa *o papel do pedagogo no grupo surdez e sofrimento psíquico*. A sua participação não é obrigatória. Em função disso, a qualquer momento você pode desistir de participar, retirar seu consentimento e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objeto desta pesquisa é analisar a contribuição da pedagogia e o papel do pedagogo no grupo surdez e sofrimento psíquico. A ideia é compreender como o pedagogo pode contribuir para o atendimento dos surdos em ambiente não escolar.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em integrar um grupo de pesquisa.

As informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, para tanto utilizaremos nomes fictícios.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o contato dos pesquisadores podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

Carine Mendes da Silva

carine_gnt@hotmail.com
Tel 32010803
Sq n 113 bl h apto 309

Declaração

Eu, _____,
declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na
pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que esta
pesquisa faz parte de seu Trabalho de Conclusão de Curso, referente ao curso
de Pedagogia da Universidade Federal de Brasília.

Brasília,DF, _____ de _____ de 2011.

Sujeito da pesquisa *